



GROTEZKE



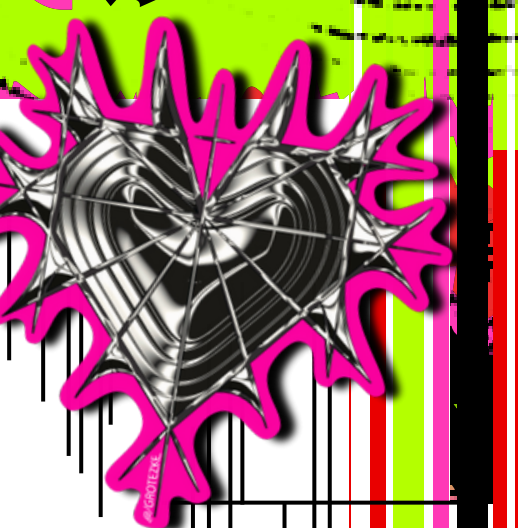
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA — 2025

**PRODUÇÃO VISUAL E DESIGN GRÁFICO COMO
FERRAMENTAS DE LANÇAMENTO DE COLEÇÃO
DE ACESSÓRIOS ALTERNATIVOS SUBCULTURAIS**

JÚLIA ALVES TAVARES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO À
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA COMO REQUISITO
PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL EM DESIGN.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: DESIGN GRÁFICO.
ORIENTADOR: JOÃO CARLOS RICCÓ PLÁCIDO DA SILVA.



Agradecimentos

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais, que sempre priorizaram minha educação e me ofereceram condições para que esta trajetória fosse possível. Sou especialmente grata à minha mãe, Lidia de Souza Alves, por sua força, carinho, compreensão e apoio constantes, que me acompanharam desde a infância e me permitiram atravessar os desafios e alegrias da vida.

Estendo minha gratidão aos amigos próximos, que abriram os caminhos para o universo em que este projeto se insere: a vivência subcultural, o *queerness* e os espaços de acolhimento, onde cada corpo é reconhecido em sua singularidade. Agradeço pelas experiências compartilhadas ao longo dos anos, pelas festas, conversas, reflexões, afinidades e horizontes explorados coletivamente. Em especial, registro meu reconhecimento ao grupo de amizades “peggyval”, cuja presença foi fundamental para a construção de memórias e vínculos que sustentaram este percurso.

Ainda, agradeço em especial minha parceira de vida, Giovanna Heroso, que esteve ao meu lado em todas as fases deste projeto. Entre processos, correrias, frustrações, esperanças e conquistas, sua presença constante foi indispensável para que este trabalho se realizasse.

Sou também grata aos colegas de graduação, com quem compartilhei uma etapa marcante da vida. Entre trabalhos acadêmicos, noites mal dormidas, festas e trabalhos corridos, vivenciamos experiências que marcaram a formação profissional e pessoal. Agradeço ainda, de modo especial, a todos que participaram da produção fotográfica, seja como modelos ou assistentes: Ana Beatriz Simplício, Ana Isabel Carvalho, Gabriela Couto, Gabriela Gomes de Andrade, João Neto Matos Camillo, Julia Toscano, Luiz Gustavo de Paula e Sofia Mendes Dayrell. Sem a contribuição de cada um, este resultado não teria sido possível.

Registro também minha sincera gratidão ao professor e orientador João Plácido, por aceitar acompanhar este projeto, que transita por ideias pouco convencionais e atravessa múltiplas áreas de atuação. Sua orientação e incentivo foram essenciais para a concretização deste trabalho. Por fim, deixo meu agradecimento a todos os professores que me acompanharam ao longo de toda minha trajetória educacional, e à Universidade Federal de Uberlândia, por ser espaço de descobertas, aprendizado e construção de caminhos que se estendem para além deste momento.

RESUMO

Resumo Resumo Resumo Resumo Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal a produção visual e gráfica de um catálogo para o lançamento da coleção de acessórios alternativos da marca independente GROTEZKE, inserida na cena clubber underground queer brasileira. A pesquisa fundamentou-se na análise de subculturas, contraculturas e movimentos marginalizados, evidenciando a relevância da estética e da performance como instrumentos de resistência simbólica e de construção identitária. Além disso, investiga a produção visual como ferramenta de expressão, resistência e legitimação de estéticas dissidentes. Por meio de análises teóricas e de referências visuais, o estudo articula direção criativa, produção fotográfica, design gráfico e design editorial, estruturando o processo de criação segundo a metodologia de Lobach. Os resultados indicam que o design gráfico e a fotografia podem atuar como instrumentos de inclusão, pertencimento e fortalecimento identitário de comunidades subculturais, contribuindo para a inovação, a pluralidade e a autenticidade no campo do design contemporâneo.

Palavras-chave: Produção Fotográfica. Design gráfico. Design Editorial. Moda Subcultural. Underground.

ABSTRACT

Abstract Abstract Abstract Abstract Abstract

This work aims to develop the visual and graphic production of a catalog for the launch of the alternative accessories collection of the independent brand GROTEZKE, embedded in the Brazilian queer underground clubber scene. The research was based on the analysis of subcultures, countercultures, and marginalized movements, highlighting the relevance of aesthetics and performance as instruments of symbolic resistance and identity construction. Furthermore, it investigates visual production as a tool for expression, resistance, and legitimation of dissident aesthetics. Through theoretical analyses and visual references, the study articulates creative direction, photographic production, graphic design, and editorial design, structuring the process according to Lobach's methodology. The results show that graphic design and photography can act as instruments of inclusion, belonging, and identity strengthening of subcultural communities, contributing to innovation, plurality, and authenticity within the field of contemporary design.

Keywords: Photographic Production. Graphic Design. Editorial Design. Subcultural Fashion. Underground.

Sumário

SUMARIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	OBJETIVOS	06
2.1	Objetivos Específicos	06
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	07
3.1	Indivíduos e movimentos subculturais	07
3.1.1	Ballroom, Funk e a Cena Clubber Underground	07
3.2	Opressão Hegemônica e o Esvaziamento de Pautas	10
3.3	Design e a Subcultura	11

4 DESENVOLVIMENTO

12

4.1	METODOLOGIA	12	4.3.5.1	Produção Visual/Fotográfica	27
4.2	ANÁLISE	12	4.3.5.2	Produção Gráfica/Editorial	27
	4.2.1 Briefing	12	CRIAÇÃO		28
	4.2.2 Estudos de Caso e Análise de Similares	12	4.4.1	Produção Fotográfica dos Acessórios	28
	4.2.2.1 Editorial: Sanxtuary Magazine – 1ª Edição	13	4.4.1.1	Listagem de Recursos Disponíveis	28
	4.2.2.2 Editorial: Kera – 001 (1998)	14	4.4.1.2	Cenografia e Iluminação Fotográfica	29
	4.2.2.3 Fotografia: Eventos Clubber Underground Queer	16	4.4.1.3	Resultados Parciais	30
	4.2.2.4 Gráfico: Peças Gráficas de Eventos Underground	19	4.4.2	Produção Fotográfica com Modelos	30
	CONCEPÇÃO	20	4.4.2.1	Listagem de Recursos Disponíveis	30
4.3	4.3.1 Moodboards	20	4.4.2.2	Cenografia e Iluminação Fotográfica	31
	4.3.1.1 Moodboard 1: Produção Fotográfica Geral	21	4.4.2.3	Casting, Styling e Beleza	32
	4.3.1.2 Moodboard 2: Direção de Fotografia e Efeitos Práticos In-Camera	22	4.4.2.3.1	Planejamento e Pré-Produção	33
	4.3.1.3 Moodboard 3: Aspectos Técnicos – Ângulos, Poses e Casting	23	4.4.2.4	Resultados Parciais	34
	4.3.1.4 Moodboard 4: Design Gráfico na Manipulação de Imagem	24	4.4.3	Design Gráfico e Editorial: Catálogo	35
	4.3.1.5 Moodboard 5: Design Gráfico no Editorial	25	4.4.3.1	Materiais, Ferramentas e Conceito Visual	35
	4.3.2 Mapa Mental	26	4.4.3.1.1	Seleção, Edição, Tratamento e Manipulação de Imagem	35
	4.3.3 Nuvem de Palavras-Chave	26	4.4.3.2	Construção Gráfica	35
	4.3.4 Fluxograma	27	4.4.3.1.1	Tipografia, Cores e Layout	35
	4.3.5 Plano de Projeto Final	27			

5 RESULTADO FINAL

36

5.1	Catálogo	36
5.2	Detalhamento e Paginação	36

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

37

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

38

APÊNDICE A - CATÁLOGO

41

INTRODUÇÃO

As manifestações culturais oriundas de grupos à margem da sociedade, como as subculturas e contraculturas, desempenham papel crucial na constituição de expressões culturais e visuais dissidentes, funcionando como espaços de resistência simbólica, política e estética frente à cultura hegemônica. Tais movimentos não surgem de forma espontânea, mas resultam de processos históricos de resistência, exclusão e reapropriação simbólica, que atravessam o corpo, o vestuário, a performance e os sistemas de linguagem gráfica.

A hegemonia cultural atua nas superestruturas ideológicas e simbólicas, delimitando, mental e estruturalmente, os campos de ação dos sujeitos sociais. Tais limites são transgredidos pelas subculturas, que se organizam em torno de práticas coletivas e estéticas subversivas, intrinsecamente ligadas à construção de identidade, ao senso de pertencimento e ao reposicionamento de corpos e vozes historicamente apagados. Por meio de estéticas e códigos próprios, os estilos subculturais são construídos coletivamente e desafiam modelos dominantes, ao mesmo tempo que revelam alternativas ao consumo, à representação e à normatividade.

No cenário contemporâneo, sob a perspectiva da era pós-moderna e digital, impulsionada pelas redes sociais e pela ocupação de espaços que antes lhes eram negados, observa-se maior visibilidade das expressões visuais desses grupos historicamente marginalizados, que sempre desempenharam papel fundamental na construção de linguagens alternativas de identidade e resistência. No Brasil, com a crescente valorização de estéticas subculturais e contraculturais, como as associadas a coletivos LGBTQIAPN+, comunidades periféricas e culturas urbanas marginais, como o rap e o funk, e cenas como o ballroom e o clubber underground, esses grupos vêm se consolidando como força criativa, inovadora e simbólica nos campos da moda, da comunicação visual e do design gráfico. Excluídos por muito tempo dos meios institucionais e mercadológicos hegemônicos, vêm conquistando espaços de visibilidade e protagonismo por meio de práticas culturais que articulam estética, política e subjetividade.

A produção visual e o design gráfico, nesse contexto, assumem papel estratégico ao contribuir para a construção de representações visuais que não apenas comunicam, mas afirmam identidades dissidentes. A articulação entre estética e política constitui uma das principais características das expressões subculturais, que não apenas refletem vivências subversivas, mas também promovem transformações significativas nos modos de produção e circulação de conteúdos visuais. Assim, criam novas formas de reconhecimento simbólico e consolidam narrativas visuais que tensionam o padrão normativo.

A imagem, nesse processo, deixa de ser apenas reflexo do real e passa a ser veículo de afirmação, estratégia de ocupação simbólica e ferramenta de insurgência cultural. É nesse cenário que a produção visual, por meio da fotografia e do design gráfico, ganha centralidade não apenas como campo técnico, mas como dispositivo crítico e criativo capaz de construir narrativas visuais que questionam, reconfiguram e ampliam os horizontes de inovação e do sensível.

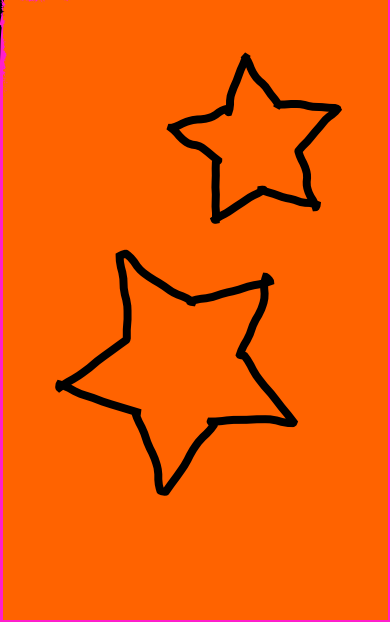
Ao mesmo tempo que as subculturas resistem à cultura dominante, acabam, por vezes, sendo apropriadas visualmente, diluídas e despolitizadas por estruturas hegemônicas que esvaziam seus significados políticos. Nesse sentido, torna-se relevante refletir sobre o papel da produção visual e do design gráfico como instrumentos conscientes, capazes de articular discursos visuais como ferramenta central na disputa por visibilidade, pertencimento e legitimação dessas comunidades. Assim, o design pode contribuir para a inclusão social, a valorização, a resistência cultural e a representação de corpos dissidentes e vozes historicamente silenciadas, fortalecendo um mercado mais plural, crítico e ético.

Nesse contexto, este trabalho se propõe a trazer o designer como mediador consciente entre forma e discurso, imagem e identidade, estética e vivência, agindo como agente de escuta, respeito e valorização das multiplicidades subculturais que compõem a sociedade contemporânea. Dessa forma, este projeto coloca em foco a produção visual consciente e coerente em valores, autenticidade e representatividade, articulando direção criativa, produção fotográfica, design gráfico e editorial como ferramentas de expressão e enaltecimento desses discursos no desenvolvimento e criação de um catálogo de lançamento de coleção de acessórios alternativos para uma loja independente advinda da cena clubber underground, centrada na comunidade LGBTQIAPN+. Desse modo, atua como plataforma de valorização dessa estética subcultural e de suas expressões marginais, além de promover a legitimação da própria comunidade.

Para isso, será adotada a metodologia de projeto de Lobach, que estrutura o processo de desenvolvimento em fases como análise do problema, definição de requisitos, concepção, desenvolvimento e avaliação. Essa abordagem será aplicada de maneira adaptada ao campo da produção visual e gráfica, com base em referências culturais, visuais e mercadológicas ligadas às estéticas subculturais.

A justificativa para a realização deste projeto apoia-se na necessidade de ampliar o espaço de fala e de representação gráfica de sujeitos subalternizados dentro do mercado e da sociedade, contribuindo para a diversidade de repertórios visuais e simbólicos no cenário independente. Ao reconhecer o potencial transformador do design enquanto prática cultural e política, a proposta busca não apenas a criação de uma peça gráfica, mas a elaboração de um processo de projeto ético e situado, que considere as relações entre estética, identidade e mercado de forma crítica e propositiva.

Pretende-se, assim, contribuir para a construção de um campo de práticas visuais mais plural, inovador, crítico e comprometido com a diversidade e com a inclusão simbólica de sujeitos historicamente marginalizados. Este trabalho ancora-se, portanto, na perspectiva de que o design, quando praticado com consciência política e sensibilidade cultural, pode ser agente de resistência, inovação e mudança, promovendo visibilidade e legitimidade a formas de existir e comunicar que desafiam as normas dominantes e hegemônicas.



Objetivos

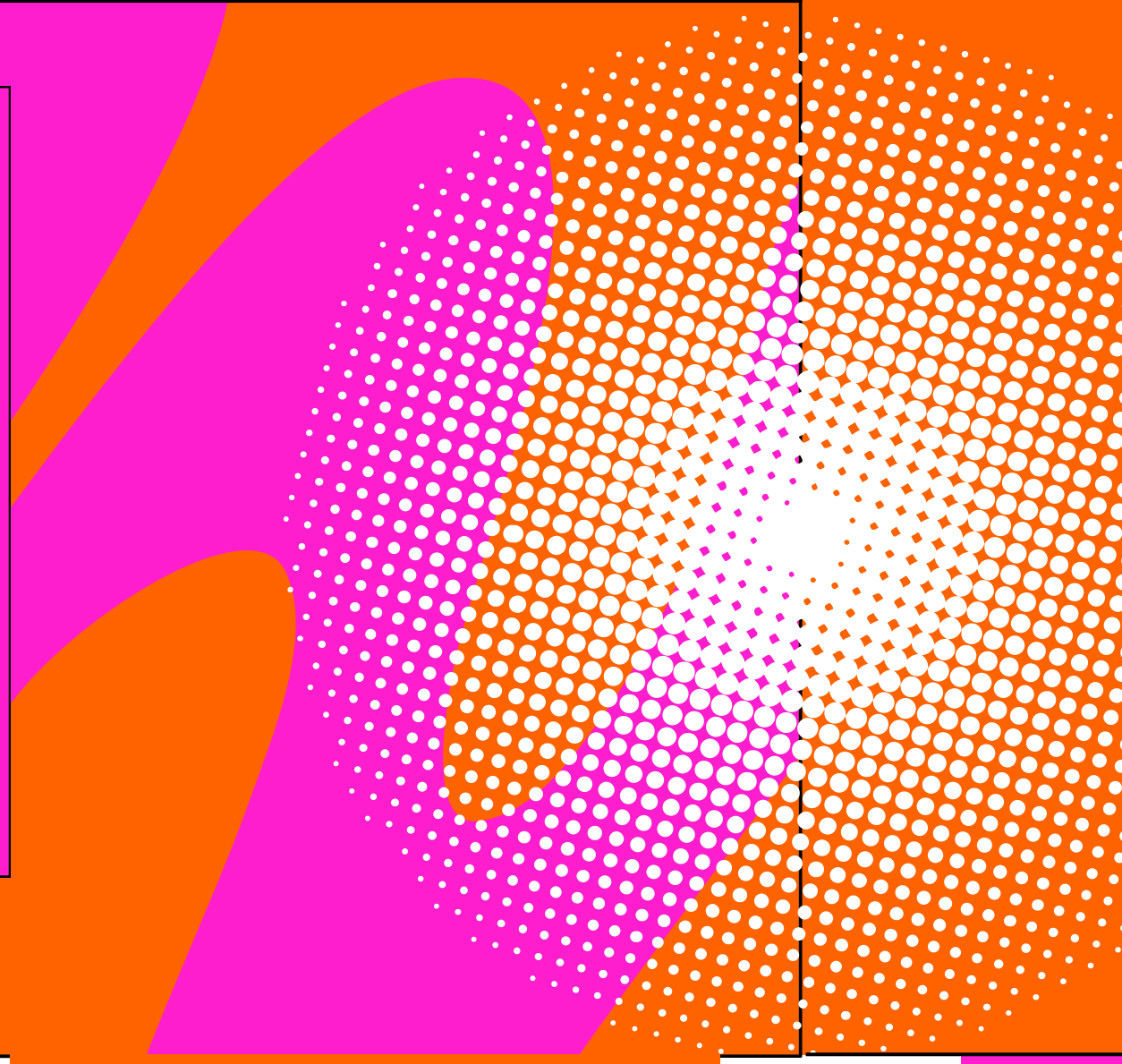
OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo principal a produção visual e gráfica de um catálogo de lançamento de uma coleção de acessórios alternativos da loja independente 'GROTEZKE', advinda da cena clubber underground, centrada na comunidade queer e LGBTQIAPN+, articulando direção criativa, produção fotográfica, design gráfico e editorial como ferramentas de expressão e enaltecimento subcultural autêntico.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para alcançar o resultado esperado, o presente projeto seguirá as seguintes etapas:

- ★ Desenvolvimento de briefing;
- ★ Levantamento de referências teóricas e pesquisa sobre subculturas e a cena clubber underground queer brasileira, público-alvo e nicho que a loja busca atingir, incorporando a própria imersão e vivência da autora dentro do cenário;
- ★ Direção criativa de todos os processos, utilizando ferramentas criativas na criação de uma narrativa visual autêntica e coerente;
- ★ Produção fotográfica com enfoque nos acessórios, possibilitando melhor visualização dos produtos centrais;
- ★ Produção fotográfica com modelos, possibilitando melhor visualização das peças sendo utilizadas por pessoas da cena underground, incluindo cenografia, iluminação e styling;
- ★ Criação e desenvolvimento do catálogo e de seus elementos visuais, utilizando o design gráfico e editorial em conjunto com os resultados da produção fotográfica.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A existência do ser subcultural, bem como sua expressão alternativa, sempre esteve presente na sociedade da espécie humana, com suas raízes marginais, resistindo e se adaptando em relação à cultura hegemônica e suas consequências. Assim como Laraia (1986) aponta, tal hegemonia resulta na inferiorização das práticas culturais marginalizadas.

Na pós-modernidade e contemporaneidade, tem-se a fusão entre a cultura e a economia, onde esses grupos marginalizados são colocados em posição de espectadores passivos diante do consumo, internalizando valores que lhes são inacessíveis (MICHETTI, 2005). Hall (1977) mostra que a hegemonia não se estabelece apenas na esfera produtiva e econômica, mas nas superestruturas, por meio das quais se delimitam, mental e estruturalmente, os limites de atuação das classes subordinadas. Tal determinação é corroborada por McRobbie (1991), que observa que a hegemonia cultural é reforçada por meios como o consumo, o lazer e a mídia. Conforme descrito por Hebdige (1979):

“As subculturas são, portanto, formas expressivas, mas o que elas expressam é, em última instância, uma tensão fundamental entre aqueles que estão no poder e aqueles que estão condenados a posições subordinadas e a vidas de segunda classe. Essa tensão expressa-se figurativamente sob a forma de estilo subcultural” (HEBDIGE, 1979, p. 19).

Nos últimos anos, auxiliado em grande parte pela internet e pela luta desses grupos por ocupação de espaços anteriormente negados de forma opressiva, observa-se um crescimento notável de sua visibilidade e inclusão em diversos setores e, conseqüentemente, a popularização de seus próprios modos de consumo, comunicação, estéticas e pluralidades. Em outras palavras:

“Os avanços na representação da diversidade, não só na política, mas também na cultura e na comunicação, demonstram que as tensões geradas pela estética dos corpos dissidentes têm contribuído para outras formas de enxergar o outro, tornando o estranho, na concepção de Bauman (1998), mais próximo” (SILVA, 2023, p. 21).

Esse fenômeno reflete a ascensão e a popularização de suas estéticas alternativas, bem como as oportunidades vigentes que as cercam, integrando-se aos modos de produção e fruição de conteúdos visuais, assim como às formas de consumo e identificação cultural. Para Hebdige (1979), os estilos subculturais são formas de comunicação e representação que operam com seus próprios sistemas simbólicos e expressivos.

Essa realidade aponta para transformações não apenas nas linguagens visuais, mas também nas formas de pertencimento, reconhecimento simbólico e afirmação identitária no cenário contemporâneo. Herschmann (2005) argumenta que o estilo de vida é formado pelas escolhas culturais e que essas escolhas são, simultaneamente, mecanismos de expressão e de classificação social.

Tais mudanças evidenciam transformações nos modos de produção e circulação de conteúdos visuais, assim como na forma como indivíduos pertencentes a grupos historicamente marginalizados, como pessoas LGBTQ+ e populações racializadas, constroem e afirmam suas identidades por meio de suas respectivas estéticas e expressões visuais. Ainda, Hall (1977) afirma que, no período de capitalismo tardio em que a humanidade atualmente se encontra, os meios de comunicação exercem papel central na construção da totalidade social, fornecendo imagens e representações que tornam inteligível a fragmentação dos grupos sociais.

INDIVÍDUOS E MOVIMENTOS SUBCULTURAIS

Diante desse cenário de ocupação de espaços relevantes de expressão, criação e mercado, articulam-se discursos de resistência e subjetividades subculturais. Tais comunidades marginalizadas não apenas participam ativamente da cultura visual alternativa contemporânea, como também se tornam agentes criativos, inspiradores e sustentadores desse imaginário.

São esses indivíduos que, muitas vezes à margem dos meios de produção tradicionais, constroem repertórios ricos, desafiadores e politizados, capazes de tensionar padrões normativos de beleza, comportamento e representação, propondo novas narrativas visuais.

Ao desempenharem papel fundamental na consolidação criativa de diversas expressões culturais da contemporaneidade, esses grupos se conectam e resistem por meio da conformação de suas estéticas alternativas e da construção coletiva de identidades visuais, conforme McRobbie explica:

“Elas emergem do espaço da subcultura, o que nos diz algo importante sobre o próprio processo criativo e sobre as ricas oportunidades estéticas proporcionadas pelo envolvimento subcultural. Para pessoas negras, cujas culturas expressivas têm sido consistentemente marginalizadas e desconsideradas pelo meio artístico, esta é uma luta particularmente intensa, que se realiza, mais uma vez, com ainda mais insistência na cultura popular negra jovem” (McROBBIE, 1994, p. 158, tradução da autora).

BALLROOM, FUNK E A CENA CLUBBER UNDERGROUND

Os movimentos subculturais são potencializadores de suas comunidades, dando voz a seus coletivos, pautas e discursos contraculturais, por meio dos mais diversos canais de comunicação existentes.

Na esfera da cultura LGBTQIAPN+, destaca-se o histórico movimento do ballroom, movido por discurso politizado e relação intrínseca entre estética e musicalidade, onde coletivos reúnem pessoas queer, racializadas e contraculturais em performances que afirmam gênero, corpo e estilo como formas de resistência, ilustrado na Figura 1 e relatado por Rodrigues (2023):

“A constituição de uma cultura como a Ballroom, portanto, pode ser considerada a partir de dois fatores principais: o chamado ato desviante, que se resume à não conformidade com os padrões definidos pela sociedade branca, cisgênera e heterossexual; e a exclusão social, situação que agrupa os membros na mesma condição de marginalização” (RODRIGUES, 2023, p. 7).



Figura 1 – Imagem da cena ballroom em São Paulo.
Fonte: FOLHA DE S.PAULO. Ballroom em São Paulo: resistência e expressão cultural. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/ballroom-sao-paulo-brasil>. Acesso em: 11 ago. 2025.

Segundo Bailey (2013), o trabalho performativo na ballroom envolve a moldagem do corpo e do comportamento como prática cotidiana de construção identitária e revolucionária, conforme mostrado na Figura 2. Assim, a performatividade de gênero, estética e sexualidade dessa subcultura promove formas alternativas de existência, desafiando normas hegemônicas via performance coletiva de corpos dissidentes. Ainda, complementa:

“Na cultura Ballroom, o “thug realness” é ensaiado, aperfeiçoado e aplicado nas ruas urbanas de cidades como Detroit. Esse exemplo de performatividade de raça e gênero ilumina como a performance permite às pessoas negras LGBT exercerem agência na formação de identidade, autoimagem e construção de si. Essa estratégia é essencial não apenas para melhorar a qualidade de vida dos membros da Ballroom, mas principalmente para garantir sua segurança” (BAILEY, 2013, p. 57–58, tradução da autora).



Figura 2 – Imagem da cena ballroom em São Paulo: Jessy Black Velvet imita poses de modelos da revista Vogue ao caminhar na categoria “old way”.
Fonte: FOLHA DE S.PAULO. Ballroom em São Paulo: resistência e expressão cultural. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/ballroom-sao-paulo-brasil>. Acesso em: 11 ago. 2025.

Paralelamente, no contexto brasileiro, observa-se que manifestações subculturais oriundas de comunidades periféricas, como o gênero musical funk, historicamente estigmatizado, foram ganhando força e visibilidade no mercado cultural e na moda urbana, influenciando editoriais e narrativas visuais. Rezende (2021) observa que o funk resiste a censuras e estigmas, transgredindo fronteiras periféricas e ocupando novos espaços na mídia:

“O popular-bastardizado utiliza de todas as referências narrativas e estéticas disponíveis – do mainstream às redes digitais – para ganhar as múltiplas telas e narrar em seus próprios termos suas experiências e a sua comunidade de origem” (REZENDE, 2021, p. 8).

Esses universos, antes restritos a circuitos periféricos, tornaram-se centrais na formação do imaginário estético contemporâneo.

Dessa forma, nascida da miscigenação de movimentos subculturais LGBTQIAPN+ e da música eletrônica, surge a cena clubber underground, dando origem a eventos e espaços em que suas comunidades se reúnem e celebram suas existências, e resistências. Tal movimento evidencia-se no Brasil, com referências próprias em performance, estética e musicalidade. Aqui, o funk é absorvido e resignificado, borrando a barreira entre batida periférica e música eletrônica, ainda majoritariamente heteronormativa e elitista. Os circuitos de festas underground consolidam-se como espaços de liberdade estética e política, associados à experimentação visual e sonora, à moda alternativa e à contestação das normas, conforme mostra Figura 3 e Figura 4.



Figura 3 – Imagem da festa Mamba Negra em São Paulo.
Fonte: MUSIC NON STOP. Mamba Negra, ícone da resistência LGBTQIA+ em SP celebra 8 anos. Disponível em: <https://musicnonstop.uol.com.br/mamba-negra-8-anos-entrevista-com-cashu>. Acesso em: 05 ago. 2025.



Figura 4 – Imagem do público da festa Mamba Negra em São Paulo.
Fonte: MUSIC NON STOP. Mamba Negra, ícone da resistência LGBTQIA+ em SP celebra 8 anos. Disponível em: <https://musicnonstop.uol.com.br/mamba-negra-8-anos-entrevista-com-cashu>. Acesso em: 05 ago. 2025.

Hebdige (1979) afirma que a música é elemento agregador entre subculturas, contraculturas e neotribos. Por isso, o cenário de clubbers underground no Brasil constitui-se como nicho agregador, onde os participantes trazem reivindicações contraculturais e expressões por meio de conceitos estético-disruptivos, experimentais e cheios de hibridizações abraçadeiras.

No início dos anos 1990, tal cena clubber despontou no Brasil e, com ela, novas formas de expressão impactaram diretamente a moda, conforme Costanza Pascolato descreve:

“Tornaram-se templos da estética alternativa. Os Clubbers brasileiros inventaram formas de transformar a própria anatomia para torná-la mais sedutora, mais atraente. Ou simplesmente existir. Critérios de beleza, erotismo e sensualidade são reinventados sem cessar, numa espécie de frenético exercício. Os Clubbers saboreiam suas metamorfoses e seu potencial para audácias. Estimulam o lado voyeur das pessoas. A estética contracultural foi a centelha revitalizadora do mundo fashion” (COSTANZA PASCOLATO apud PALOMINO, 1999, p. 226).

Na contemporaneidade brasileira, coletivos contraculturais ligados à cena clubber e LGBTQIAPN+ representam espaços de confraternização e resistência política por meio de suas expressões visuais.

Eventos como Batekoo e Mamba Negra criam espaços de liberdade e aceitação dessas expressões marginalizadas, utilizando essa estética desviante na comunicação, com o objetivo de tornar o “estranho” visível (CHAVES, 2022). Fernandes (2022) analisa como a Mamba Negra configura-se como espaço político anticapitalista e de valorização da arte queer e feminina, conforme reforçado pela Figura 5. Complementa Oliveira (2021):

“A ideia de estilo aqui utilizada engloba um conjunto de artefatos simbólicos e materiais [...] que compõem e dramatizam uma dada linguagem na cena musical, dotada de valor estético e político contra-hegemônico e partilhada coletivamente” (OLIVEIRA, 2021, p. 4).

Assim, ícones e artistas que reivindicam essas estéticas geram vocabulário visual único, fortalecendo narrativas subculturais coletivas e resistindo à despolitização imposta pelo mainstream, conforme Thornton (1995).

O artista Badsista, homem trans racializado e produtor musical conhecido na cena clubber underground, afirmou à Revista Híbrida:

“Temos produzido muito pra nós mesmos. Tipo, dentro dessa cena, vamos falar “queer”, de São Paulo, a gente tem essa pluralidade muito estabelecida. [...] não só de funk, mas de coisas que misturam os sons e são super eletrônicas. Parece uma bolha, um caldeirão que fica fervendo de referências. [...] é comungar e excomungar também. Eu acho que o rolê das festas, principalmente em São Paulo, tem um sentido de as pessoas lembrarem “Nossa, eu estou viva! [...] Tipo, “Nossa, eu tô aqui, hoje eu vou quebrar tudo”. [...] a gente entende, a gente faz parte, a gente sabe o que quer. Quem chega de fora e não tá aberto a esse diálogo, no fim, fica boiando. A gente tem personas muito únicas” (BADSISTA, 2025).



*Figura 5 – Imagem de artista performático na festa Mamba Negra em São Paulo.
Fonte: VEJA SÃO PAULO. Festas sem endereço fixo conquistam paulistanos; confira boas opções. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/festa-itinerante/>. Acesso em: 05 ago. 2025.*

Retratando essa subcultura, a cantora Jup do Bairro, muito conhecida e renomada no meio, declarou ao Noize:

“O underground é movimento, possibilidade, caos, fortalecimento, revolta, subversão e comprometimento com a estética não-estática. É gerador de referências e de cultura, ainda que diminuído e pouco remunerado – inclusive, destaco o coletivo Liquidação, um dos filhos de Voodoohop que foi fundado pelo saudoso Volatile Ferreira, pioneiro de si e que fez tanto pela arte brasileira” (JUP DO BAIRRO, 2025).

Ainda para ao Noize, Laura Diaz, vocalista da banda experimental underground Teto Preto e cofundadora da Mamba Negra, conclui:

“O underground, para mim, é underGRANDE. Somos um movimento brasileiro de festas independentes e de rua que encontrou na cultura eletrônica LGBTQIAPN+ um território de conquista de futuras, profissionalização, trabalho, reconhecimento e afeto para toda uma geração de artistas e atadores da cultura que se renova ao longo dos anos. Essa cena já proporcionou momentos fundamentais como, no aniversário de 4 anos da MAMBA, em 2014, quando tentaram nos cancelar com perseguição de alvarás e saímos num trio elétrico no 1º ATO PELA LIBERDADE DE ATUAÇÃO EM SP” (LAURA DIAZ, 2025).

OPRESSÃO HEGEMÔNICA E O ESVAZIAMENTO DE PAUTAS

As produções e expressões subculturais forjadas à margem do sistema revelam-se modos próprios de existir, ver e comunicar-se no mundo, representando campo fértil de atuação crítica e ressignificadora no mercado. Entretanto, mesmo com visibilidade crescente, ainda há resistência social e recorrente apropriação cultural por grandes marcas, que absorvem códigos visuais, os despolitiza e negam reconhecimento aos autores dessas expressões, que movimentam tendências relevantes no design e comunicação visual contemporâneos. Sodré (2006) analisa como a mídia hegemônica integra práticas populares de forma despolitizada e mercadológica, utilizando o grotesco para atrair públicos periféricos nos meios televisivos de países do Terceiro Mundo.

Em contraponto, McRobbie (1991) entende o estilo subcultural como significante instável, que escapa continuamente à cultura dominante, resistindo historicamente. Movimentos maximalistas negros, queer e periféricos, com ícones como a artista Erykah Badu, incorporam a ancestralidade e afrocentrismo em sua estética “new soul”. Pode-se citar também o mesmo para Siouxsie Sioux e o punk gótico, essas são reconfigurações potentes para reapropriação de identidade, expressando:

“Essa recusa e subversão dos sinais padrão indica à cultura dominante que essa comunicação semiótica anteriormente tradicional mudou, significa algo diferente dependendo de quem a veste e é, na verdade, um símbolo. O traje também funciona como sinal para que outros membros da subcultura reconheçam um dos seus” (IKIN, 2020, p. 7, tradução da autora).

Mesmo com avanços culturais dessas minorias no contexto hegemônico, há uma recente onda reacionária global e despolitização de pautas coletivas vistas no neoliberalismo tardio e crise do capital. Assim, reafirmar ideários originais e raízes dessas estéticas é imprescindível como forma de resistência, evidenciando que esses indivíduos existem, consomem e vivem, constituindo nicho sólido e protagonista de suas narrativas. Hebdige (1979) destaca que os rituais de consumo subculturais ressignificam elementos como moda e música, revelando identidade e subversão.

Barthes (1983) descreve a moda como suporte semiótico: objeto inerte, mas carregado de significados culturais. Assim, design e moda transcendem função utilitária e adquirem dimensão política afirmativa, sendo campos férteis para expressões dissidentes. Sob essa perspectiva, tais expressões subculturais tornam-se dispositivos de resistência e pertencimento, e também, estratégias de visibilidade e ocupação de espaços muitas vezes excludentes e opressores.

DESIGN E A SUBCULTURA

Este panorama evidencia oportunidades de atuação do design, pois, como Frascara (2004, p. 65) observa, todo design possui raízes e impactos culturais, rejeitando a ideia de neutralidade. Lupton (2004) também enfatiza sua dimensão social intrínseca, tanto moldada pela sociedade como atuante em sua construção.

No contexto visual deste projeto, o design gráfico torna-se ferramenta ideológica e simbólica na construção identitária (SCHINDLER; MÜLLER, 2017, p. 143). Frascara (2004, p. 13, tradução da autora) reforça: “O propósito do design da comunicação é afetar o conhecimento, as atitudes e o comportamento das pessoas”.

Portanto, é essencial que o design gráfico seja utilizado de forma disruptiva, empregando seus instrumentos visuais na construção e divulgação dessas estéticas alternativas. Lupton exemplifica que o grid é dispositivo ideológico, essencial para organização tipográfica e sistêmica do projeto, exigindo relação com conteúdo e contexto social.

Camargo e Mendonça (2014) apontam que a diagramação carrega intenções discursivas e conceituais além da organização visual. Carneiro, Dias e Almeida (2021) ressaltam que o design gráfico engajado deve provocar reflexão social. Os Catálogos tornam-se poderosos instrumentos editoriais e mercadológicos para representar, preservar e divulgar narrativas visuais marginalizadas, ampliando visibilidade e capturando nicho engajado, reconhecendo-o como potencial econômico. O disruptivo rompe com padrões normativos, fundamental para traduzir essas expressões de forma autêntica e inovadora, reforçando identidade e protagonismo.

“[...] Torna-se importante que determinada imagem conte uma história na composição, quer seja na imprensa, catálogo de produtos ou outra qualquer publicação. Dito de outra forma, o conteúdo da fotografia é mais importante do que a sua disposição [...] A fotografia de moda tem muitos padrões de comportamento e de identidade a serem desconstruídos e, na medida com que as minorias sociais conquistam seus espaços de direito, esses hábitos serão ressignificados. [...] É preciso entender a individualidade e, mais do que isso, incluir esses grupos minoritários no espaço de decisão, ou seja, torná-los parte do todo” (BERTACINI, 2021, p. 40).

Diante disso, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de promover visibilidade, valorização e inclusão estética, simbólica e autoral de grupos subalternizados por meio do design e da fotografia. A inclusão dessas narrativas democratiza a representação e expande horizontes criativos e éticos do design. Ao valorizar diversidade de corpos, vozes e linguagens, o design atua como ferramenta de transformação social e afirmação cultural, dialogando ainda com oportunidades de mercado para marcas independentes alinhadas à personalização, inclusão e crítica ao consumo hegemônico.

Este trabalho se insere na divulgação da marca independente e artesanal de acessórios alternativos ‘GROTEZKE’,desenvolvida pela autora, cujo público-alvo é o nicho clubber underground queer. Tem por objetivo utilizar o design gráfico e a produção visual para dar visibilidade a essa subcultura e seus corpos marginais, reforçando o protagonismo dos indivíduos, suas estéticas e expressões, e evidenciando suas existências como forma de resistência.

METODOLOGIA

Este trabalho aplica a Metodologia Lobach, que organiza o processo do design em etapas sistemáticas, possibilitando o alinhamento entre pesquisa, criação e execução. Essa estrutura mostra-se especialmente adequada para projetos que envolvem múltiplas áreas de atuação dentro do design, como é o caso deste trabalho, no qual articula produção visual, gráfica e editorial para a criação de um catálogo de acessórios alternativos de caráter subcultural.

Foram utilizadas diferentes ferramentas de criatividade com objetivos próprios durante a construção do desenvolvimento:

- Estudos de Casos: identificar padrões, diferenciais e oportunidades nos campos de atuação do trabalho
- Moodboards (painéis semânticos): trazer referências estéticas e guias visuais para as fases do projeto
- Mapa mental: organizar conceitos iniciais e relações entre ideias;
- Nuvem de palavras-chave: destacar e relacionar ideias centrais, guiando a tomada de decisões projetuais;
- Fluxograma: organizar e ordenar visualmente etapas do processo, do planejamento à execução.

1. ANÁLISE

Nessa etapa, ocorre a investigação inicial, levantamento de necessidades e a identificação de parâmetros que orientarão o processo criativo.

BRIEFING

O briefing sintetiza, conforme evidenciado na Tabela 1, os principais elementos do projeto, como objetivo geral e específicos, apresentação das peças da coleção, seu público-alvo, canais de divulgação, DNA da marca e a expectativa de produto final, funcionando como um guia estruturante para a direção criativa de um projeto coerente esteticamente e em conceito, garantindo coerência entre conceituação, criação e resultado.

ESTUDOS DE CASO E ANÁLISE DE SIMILARES

Devido à singularidade e complexidade de campos e interseções de áreas de atuação do projeto, houve ausência de produtos ou peças satisfatoriamente equivalentes ao objeto deste trabalho. Logo, propôs-se uma análise de diferentes campos relacionados diretamente ao projeto, considerando produções independentes de editoriais fashion, fotografias de eventos da cena clubber underground queer e peças gráficas produzidas nesse contexto subcultural. O objetivo foi identificar padrões, diferenciais e oportunidades, servindo como referência conceitual e estética para o desenvolvimento do catálogo de acessórios alternativos.

Item	Descrição
Projeto	Produção Visual e Design Gráfico para Desenvolvimento de Catálogo de Lançamento de Coleção de Acessórios Alternativos
Objetivo Geral	Produção visual consciente, aliando direção criativa, produção fotográfica, desgin gráfico e editorial para lançamento de coleção de acessórios alternativos para loja independente subcultural.
Objetivos Específicos	- Direção Criativa e Produção: construção de narrativas visuais e conceituação do projeto; - Produção Fotográfica dos acessórios: fotografia de produto de moda, fundo infinito, enfoque no objeto; - Produção fotográfica com modelos: styling, cenografia, maquiagem, iluminação e elementos.; - Criação do Catálogo de Lançamento de Coleção: design gráfico e design editorial.
Público-alvo	Público da cena Clubber Underground no Brasil, centralizada na comunidade LGBTQIAPN+, coletivos subculturais, consumidores de acessórios alternativos e moda subcultural e contracultural.
Produto Final	Catálogo de lançamento de coleção de acessórios alternativos.
Canais de Divulgação	Instagram (loja independente e cena clubber underground); outras redes sociais pertinentes e pontualmente via impressão.
Resultados Esperados	Produção visual que fortaleça identidades marginais; maior visibilidade e protagonismo da comunidade; catálogo reconhecido pela cena e mercado.

Tabela 1 – Briefing do projeto
Fonte: Elaborado pela autora.

Editorial

ESTUDOS DE CASO E ANÁLISE DE SIMILARES

EDITORIAL: SANXTUARY MAGAZINE – 1ª EDIÇÃO

A Sanxtuary Magazine é uma publicação anual de moda, beleza e cultura, produzida pela agência independente Sanxtuary, que prioriza a representatividade de criativos BIPOC e LGBTQIA+. Diferentemente de revistas tradicionais e hegemônicas, adota uma abordagem curatorial, integrando editoriais fotográficos, composições artísticas e textos que refletem diversidade de perspectivas e autenticidade.

A publicação demonstra como a experimentação estética, aliada à postura ética e inclusiva, pode comunicar identidade e atitude sem depender de narrativas tradicionais, inovando e alinhando-se à proposta de valorizar estéticas marginalizadas, as quais o público consome no mercado diariamente.

Foi selecionada sua primeira edição, “New Beginnings” ou “novos começos”, como objeto de análise, seu conteúdo e capa, conforme exibido na Figura 6, apresenta uma estética de fotografia high fashion combinada com aspectos visuais intensos, composições performativas e exploração de elementos extravagantes, inspirando a criação de narrativas visuais inclusivas e disruptivas. Além disso, promove uma cultura participativa, de engajamento comunitário e pertencimento identitário.



Figura 6 – Capa da 1ª Edição, “New Begginnings da Santxtuary Magazine
Fonte: Acervo da Agência Santxtuary.. Disponível em:
<https://www.thesanxtuary.com/product-page/sanxtuary-magazine-issue-one>.
Acesso em: 12 ago. 2025

ANÁLISE	ESTUDOS DE CASO E ANÁLISE DE SIMILARES		Editorial	
	EDITORIAL: KERA – 001 (1998)			
DESENVOLVIMENTO	<p>A revista Kera, lançada no final dos anos 1990, surge juntamente à ascensão de movimentos contraculturais entre os jovens nas ruas do Japão, sendo referência em street style japonês e subculturas urbanas. Diferente de publicações mainstream, documentava pessoas que participavam ativamente de suas comunidades, capturando-as fidedignamente em seus ambientes de socialização, dando voz e celebrando estilos, corpos e vivências dissidentes da hegemonia cultural japonesa. Sua diretriz era abraçar o estranho, o não convencional e excêntrico, criando uma área segura e de exaltação aos excluídos, à subversividade e à expressão alternativa.</p> <p>Através de suas diversas publicações, a revista deu voz aos que não tinham espaço e ultrapassou esses limites, rejeitando padrões de beleza tradicionais e servindo como fonte crucial de informação e inspiração para esses indivíduos, atuando como elemento significativo na formação da cena alternativa e criando espaço de confraternização e pertencimento entre identidades antes excluídas. Assim, trazendo autenticidade e senso de pertencimento em comunidade, uma vez que a seleção dos objetos principais das fotografias, temas centrais e conteúdos gráficos provêm de registros das vivências dos próprios membros dessas comunidades subculturais japonesas, sendo fotografados na rua em seus cotidianos, reforçando senso de pertencimento e autenticidade.</p> <p>Esse norteamento evidencia a diversidade estética e a importância de respeitar e dar espaço a identidades dentro desses grupos, registrando seus estilos de vida e identidades alternativas, incluindo trejeitos, maquiagem, cabelos, acessórios e vestuário. Dessa forma, demonstra a relevância da expressão estética e identitária de forma autêntica, garantindo pluralidade e fidedignidade de discurso e estética.</p>		<p>A edição escolhida como caso de estudo, Kera 001 (1998), é uma das mais famosas produzidas pela revista e sintetiza sua história, estética e norteamentos gráficos. Esse editorial apresenta um acervo que, através da experimentação e rupturas ao padrão hegemônico e dominante da época — seja em vestuário, elementos gráficos ou fotografias — cresce em meio à inovação e criatividade. Sua diagramação combina tipografias em excesso, sobreposições, colagens e enquadramentos assimétricos, distanciando-se do layout organizado das revistas mainstream.</p> <p>Conforme evidenciado nas figuras 7, 8, 9, 10 e 11, a fotografia se destaca em registros diretos e espontâneos, dispostos de forma fragmentada e múltipla, criando mosaicos visuais. Traz também ênfase nos detalhes de moda — maquiagem, cabelos, acessórios, sobreposições de roupas — destacados por cortes aproximados e legendas que funcionam quase como comentários marginais, intensificando a sensação de proximidade e autenticidade.</p>	
				
			<p>Figura 6 – Capa da 1ª Edição, “New Begginings da Santxtuary Magazine Fonte: Acervo da Agência Santxtuary.. Disponível em: https://www.thesanxtuary.com/product-page/sanxtuary-magazine-issue-one. Acesso em: 12 ago. 2025</p>	



Figura 8 – Paginação, Edição 001 de 1998, Revista Kera.
Fonte: Lolita History Gallery Acervo de mídias asiáticas
construído por aficionados em moda japonesa. Disponível em:
<https://www.lolitahistory.com/gallery/index.php?/category/83>.
Acesso em: 12 ago. 2025.



Figura 9 – Paginação, Edição 001 de 1998, Revista Kera.
Fonte: Lolita History Gallery Acervo de mídias asiáticas
construído por aficionados em moda japonesa. Disponível em:
<https://www.lolitahistory.com/gallery/index.php?/category/83>.
Acesso em: 12 ago. 2025.



Figura 10 – Paginação, Edição 001 de 1998, Revista Kera.
Fonte: Lolita History Gallery Acervo de mídias asiáticas
construído por aficionados em moda japonesa. Disponível em:
<https://www.lolitahistory.com/gallery/index.php?/category/83>.
Acesso em: 12 ago. 2025.



Figura 11 – Paginação, Edição 001 de 1998, Revista Kera.
Fonte: Lolita History Gallery Acervo de mídias asiáticas
construído por aficionados em moda japonesa.
Disponível em:
<https://www.lolitahistory.com/gallery/index.php?/category/83>. Acesso em: 12 ago. 2025.

Essa estratégia gráfica e visual, marcada pela ausência de hierarquia rígida entre texto e imagem, transmite um discurso visual de pluralidade e liberdade, transformando-se em um documento estético-político que legitima estilos considerados subversivos e inadequados.

FOTOGRAFIA: EVENTOS CLUBBER UNDERGROUND QUEER

A fotografia no contexto underground ultrapassa o registro documental e assume caráter performático e atmosférico. Mais do que recurso estético, nesses contextos atua como afirmação de identidade coletiva ao registrar corpos, expressões, gestos e vestimentas. Assim, tais imagens reafirmam a existência de uma comunidade marginalizada que se reconhece e se legitima por meio da produção visual.

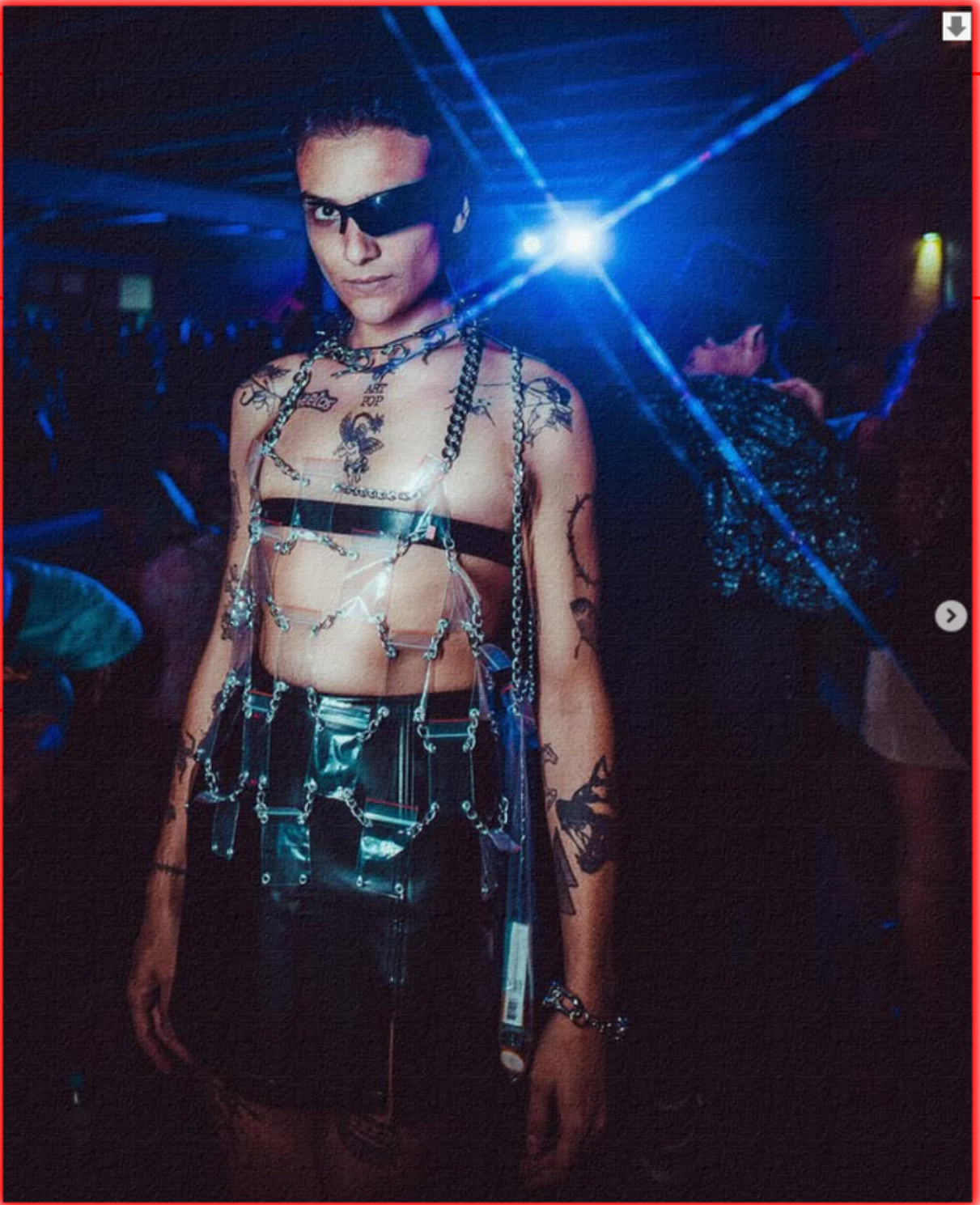
Isto posto, foram analisados dois conjuntos de fotografias de eventos festivos do cenário underground: a Ciclo, sediada em Curitiba-PR, compostas pelas figuras 12, 13, 14 e 15 e a Mamba Negra, de São Paulo-SP, pelas figuras 16, 17, 18, 19 e 20.. Esses grandes eventos são reconhecidos por serem ambientes plurais, inclusivos, performáticos e disruptivos, pertencentes à cena clubber underground queer brasileira.



Figura 12 – Registro fotográfico do acervo de divulgação da Ciclo.
Fonte: Rede Social da Ciclo.
Disponível em: <https://www.instagram.com/ciclociclociclo>. Acesso em: 14 ago. 2025

Figura 13 – Registro fotográfico do acervo de divulgação da Ciclo.
Fonte: Rede Social da Ciclo. Disponível em: <https://www.instagram.com/ciclociclociclo>. Acesso em: 14 ago. 2025

Figura 14 – Registro fotográfico do acervo de divulgação da Ciclo.
Fonte: Rede Social da Ciclo. Disponível em: <https://www.instagram.com/ciclociclociclo>. Acesso em: 14 ago. 2025



Fotografia

Figura 15 – Registro fotográfico do acervo de divulgação da Ciclo.
Fonte: Rede Social da Ciclo. Disponível em: <https://www.instagram.com/ciclociclociclo>. Acesso em: 14 ago. 2025

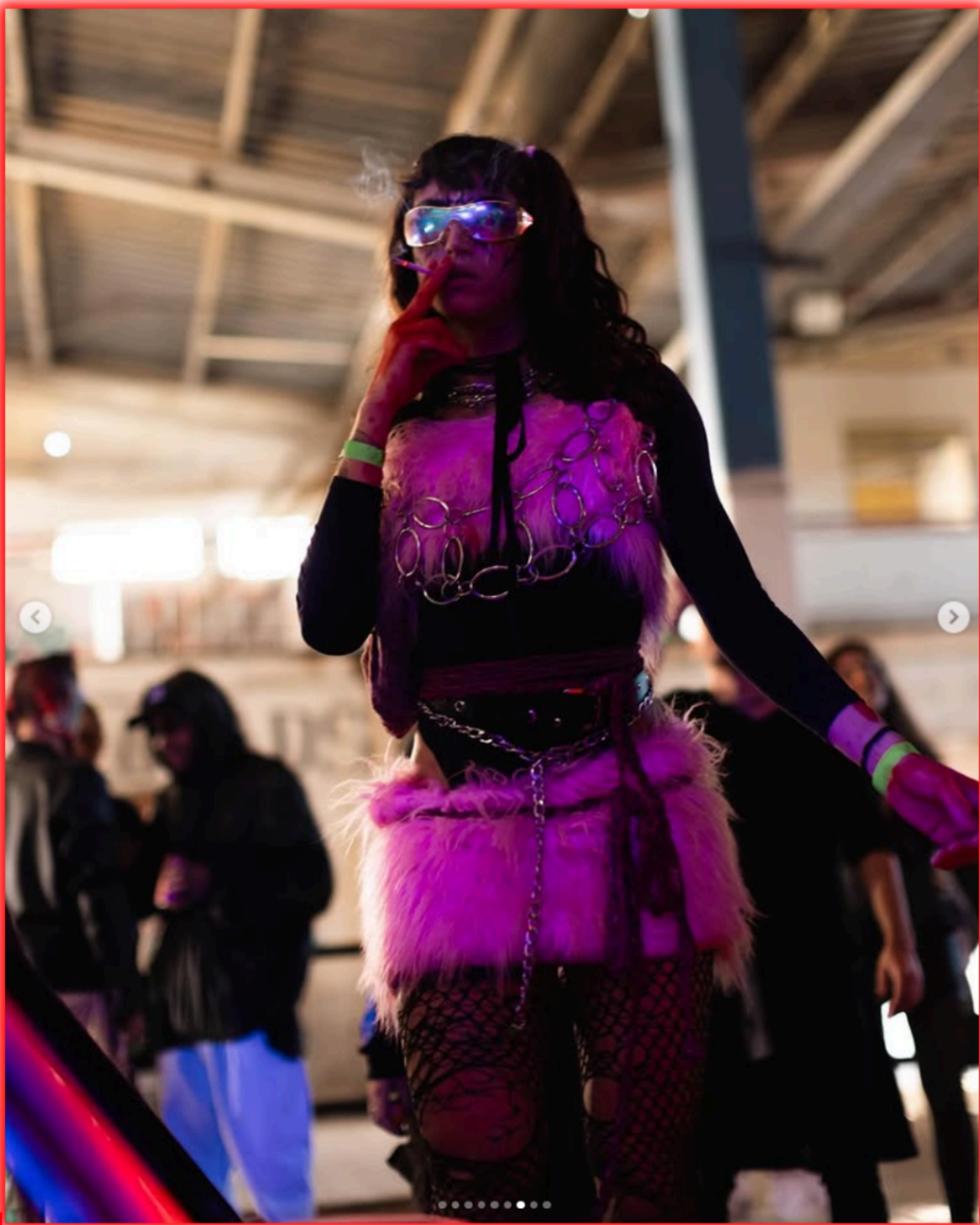


Figura 16 – Registro fotográfico do acervo de divulgação da Ciclo.
Fonte: Rede Social da Ciclo. Disponível em: <https://www.instagram.com/ciclociclociclo>. Acesso em: 14 ago. 2025

Figura 17 – Registro fotográfico do acervo de divulgação da Mamba Negra.
Fonte: Rede Social da Mamba Negra. Disponível em: <https://www.instagram.com/mamba.n>. Acesso em: 14 ago. 2025



Figura 19 – Registro fotográfico do acervo de divulgação da Mamba Negra.
Fonte: Rede Social da Mamba Negra. Disponível em:
<https://www.instagram.com/mamba.n>. Acesso em: 14 ago. 2025

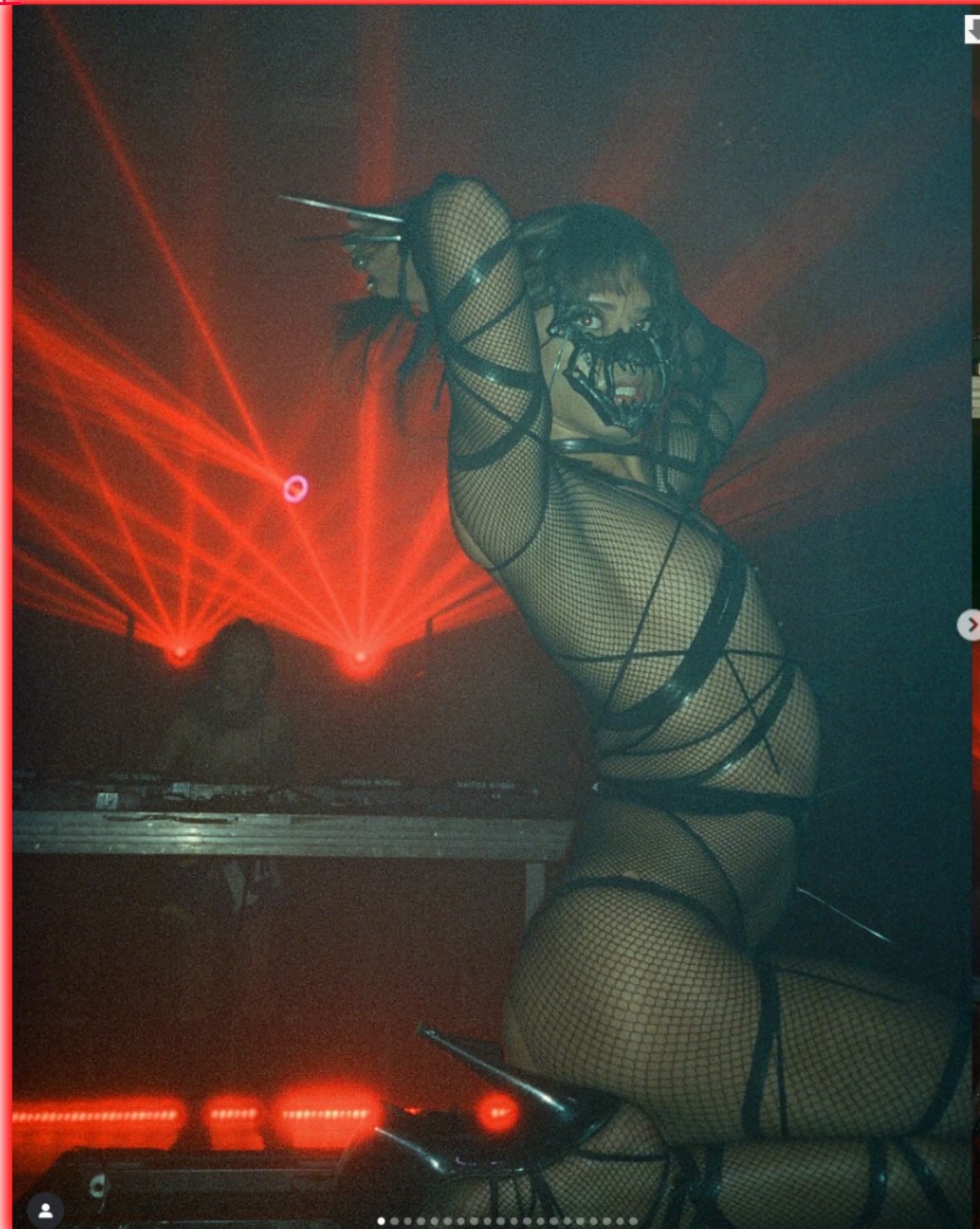


Figura 20 – Registro fotográfico do acervo de divulgação da Mamba Negra.
Fonte: Rede Social da Mamba Negra. Disponível em:
<https://www.instagram.com/mamba.n>. Acesso em: 14 ago. 2025



Figura 18 – Registro fotográfico do acervo de divulgação da Mamba Negra.
Fonte: Rede Social da Mamba Negra. Disponível em: <https://www.instagram.com/mamba.n>. Acesso em: 14 ago. 2025



Essa gama de fotos transmite sensação de movimento e energia por meio da variedade de pontos de luz dinâmica, reflexos, baixa luminosidade, uso de iluminação artificial intensa especializada e flashes, criando uma imagem de alto contraste e alta saturação de cores. Observa-se ainda o efeito "fantasma", rastros de luz, borrões e motion blur, ângulos distorcidos e experimentalismo, capturando o dinamismo e movimentação desses corpos diversos dançando e vivendo aquele ambiente de forma comunitária. Esses corpos performam suas estéticas e identidades, refletindo liberdade e experimentalismo.

Logo, tais conjuntos de fotografias inspiram uma representação e registro mais imersiva e experimental, transmitindo intensidade, além de legitimar a produção fotográfica como linguagem de resistência estética, valorizando o cenário subcultural underground queer desses eventos.

ANÁLISE		ESTUDOS DE CASO E ANÁLISE DE SIMILARES	
		<div data-bbox="711 135 1740 268" data-label="Section-Header"> <h2>GRÁFICO: PEÇAS GRÁFICAS DE EVENTOS UNDERGROUND</h2> </div> <div data-bbox="1793 29 2490 314" data-label="Text"> <p>Gráfico</p> </div>	
	<div data-bbox="389 333 1680 518" data-label="Text"> <p>No contexto de eventos underground brasileiros, a produção gráfica é construída por um campo fértil de possibilidades na experimentação visual, onde as peças gráficas funcionam como extensão estética e identitária dos próprios coletivos. Diferentemente da comunicação mainstream, que prioriza clareza informativa e apelo comercial, essas peças se aproximam de linguagens artísticas, explorando a materialidade do design como recurso tão expressivo quanto informativo.</p> </div>	<div data-bbox="1768 333 2857 518" data-label="Text"> <p>Nesse âmbito, foram escolhidas duas peças gráficas da cena clubber underground queer: um cartaz vertical promovendo um evento da Mamba Negra situado como figura 21 e um cartaz horizontal como figura 22, como peça de divulgação de lançamento de um álbum das Irmãs de Pau, dupla composta por Isma e Vita, ambas mulheres travestis de origem da cena underground queer.</p> </div>	
19	<div data-bbox="259 602 1328 1944" data-label="Image"> </div>	<div data-bbox="1388 596 2474 665" data-label="Caption"> <p>Figura 21 – Cartaz de evento da Mamba Negra Fonte: Rede Social da Mamba Negra. Disponível em: https://www.instagram.com/mamba.n. Acesso em: 14 ago. 2025</p> </div>	
DESENVOLVIMENTO		<div data-bbox="1433 896 2996 1944" data-label="Image"> </div>	

O cartaz da mamba negra posicionado demonstra a essência da experimentação gráfica no mundo underground, evidenciada pelas margens instáveis, tipografias esticadas ou fragmentadas, ruídos digitais e texturas saturadas combinadas na mesma camada principal. As peças evocam sensações mais do que organizam informações, traduzindo o espírito caótico, efervescente e experimental das festas. Essa recusa à lógica comercial tradicional insere o design como dispositivo de resistência estética e cultural, inspirando a construção de um catálogo que não apenas apresenta acessórios, mas também comunica pertencimento a uma comunidade subcultural.

Já a peça de divulgação das Irmãs de Pau possui repertório gráfico centrado na técnica de colagem e na mistura de mídias (mixed media), colocando fragmentos de imagens recortadas, utilização de texturas, desgaste e granulações, ruídos visuais e sobreposições, além de tipografias não alinhadas e inseridas em ângulos incomuns.

Tal linguagem gráfica rompe com a organização visual tradicional dos impressos comerciais, sendo esteticamente fragmentada e marcada pela simultaneidade de informações e colisão de estilos, aproximando-se das formas de expressão contraculturais e remetendo ao “visual sujo”, associado aos cenários subculturais.

Visto isso, tais análises gráficas mostram que a linguagem visual não precisa apenas descrever ou informar, mas pode atuar como extensão da identidade subcultural dessas comunidades, revelando tendências visuais próprias da estética underground.

2. CONCEPÇÃO

Essa etapa consiste na determinação e definição de diretrizes estético-visuais e técnicas que vão orientar todo o processo criativo, consolidando a linguagem estética do projeto e permitindo alinhá-la à narrativa do trabalho e à execução, perpassando por todo o projeto até o resultado final.

MOODBOARDS

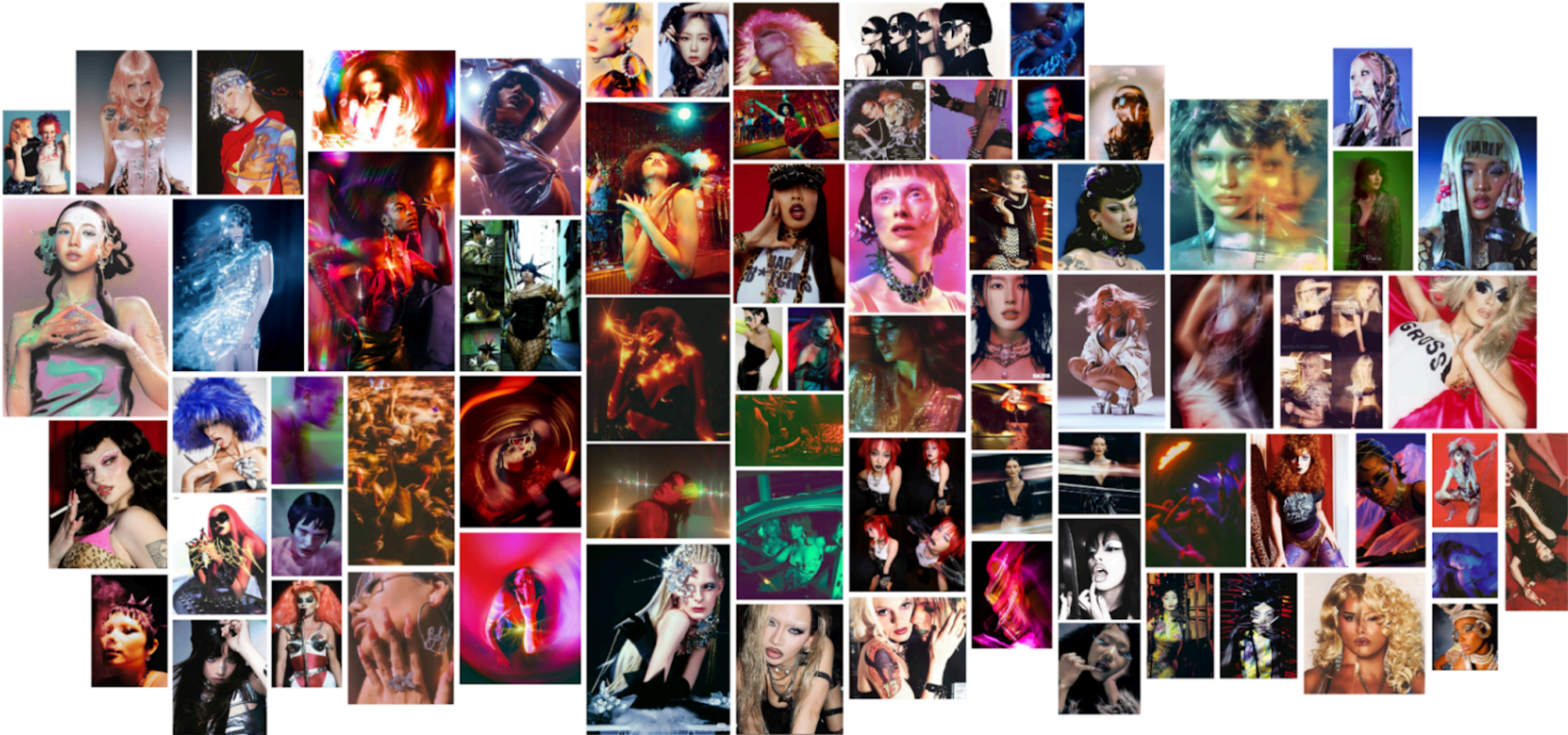
Tal recurso serve para nortear e sintetizar cada etapa dos processos visuais, reunindo referências, técnicas, paletas de cores e atmosferas desejadas. Portanto, foram elaborados cinco painéis semânticos, cada um especificando e referenciando uma etapa específica do projeto para melhor visualização, sendo essenciais para o desenvolvimento e articulação entre teoria, estética e prática. Desse modo, os moodboards funcionam como uma ferramenta metodológica contínua, cuja combinação garante o planejamento, definição e coerência visual sob a narrativa esperada durante todo o processo de criação, desde o planejamento, direção e produções fotográficas até a diagramação final do catálogo.

MOODBOARDS

MOODBOARD 1: PRODUÇÃO FOTOGRAFICA GERAL

O painel, exposto na figura 23, reúne a síntese de toda a produção fotográfica planejada para o projeto, incluindo referências de iluminação, cenografia, figurino e estilo de modelos. O objetivo é consolidar a energia, a "vibe" geral da coleção, servindo como guia visual para a direção criativa e garantindo coerência entre as diferentes peças produzidas.

Figura 23 – Painel semântico da produção fotográfica em geral
Fonte: Elaboração pela autora.



MOODBOARDS

MOODBOARD 2: DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA E EFEITOS PRÁTICOS IN-CAMERA

Já o painel representado pela figura 24, contempla referências de efeitos in-camera, como slow shutter, reflexos de luz, iluminação artificial e natural, além de indicações de cores variadas. A finalidade é orientar a direção de fotografia na execução das imagens, garantindo que os efeitos desejados sejam reproduzidos de forma consistente e alinhada à atmosfera conceitual da coleção.

Figura 24 – Painel semântico da direção fotográfica e efeitos práticos.
Fonte: Elaboração pela autora.

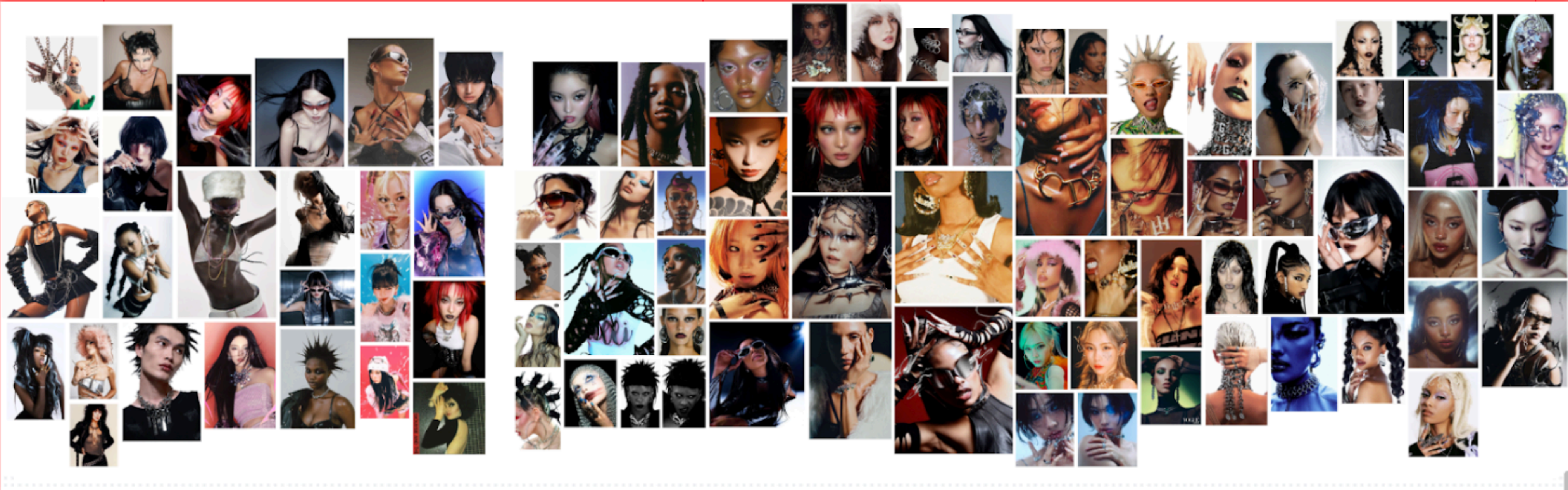


MOODBOARDS

MOODBOARD 3: ASPECTOS TÉCNICOS – ÂNGULOS, POSES E CASTING

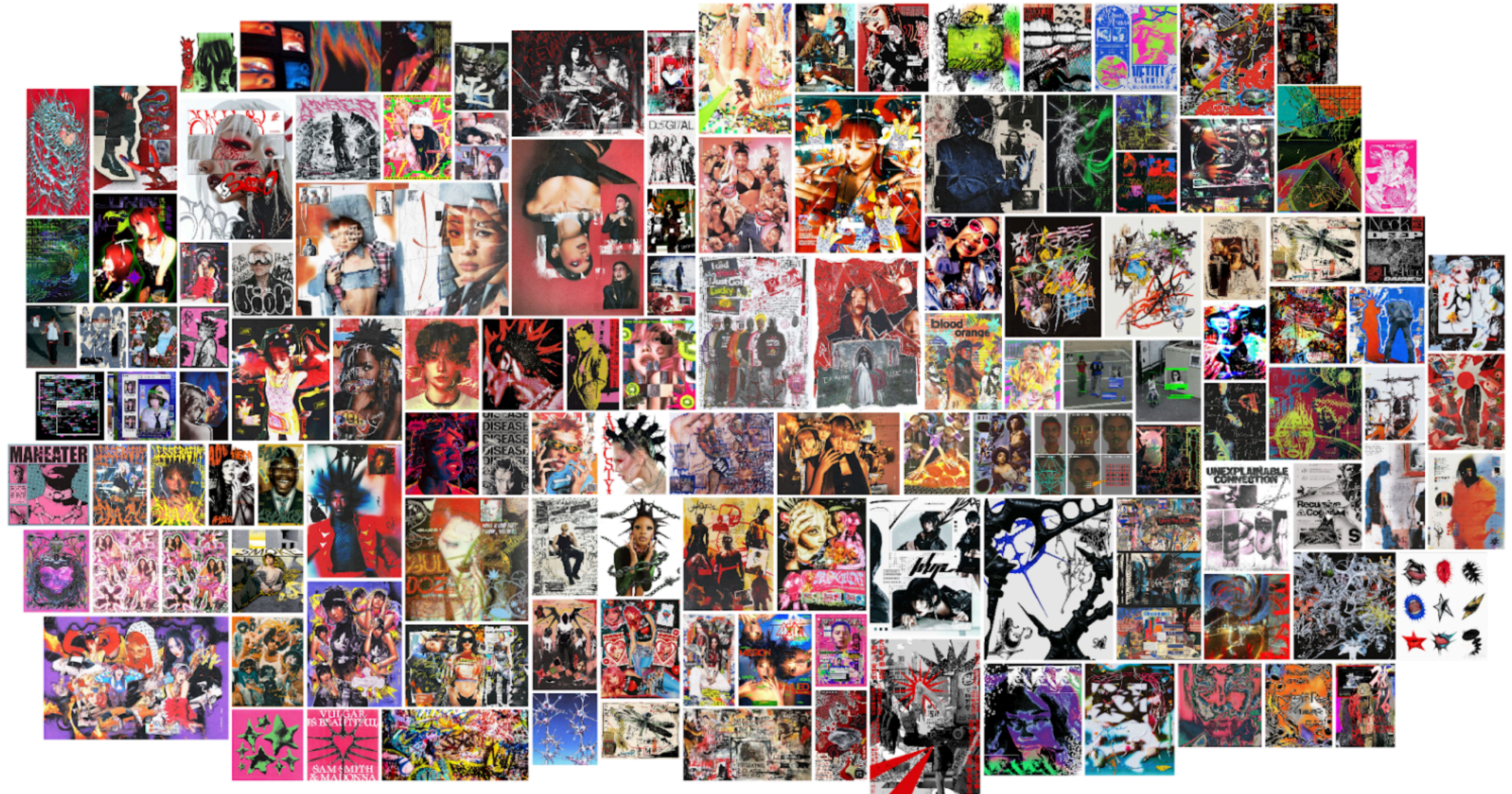
Neste painel, posto na figura 25, são concentradas informações sobre casting, poses, ângulos (close-ups e pontos médios) e styling. Ele funciona como guia para a seleção de modelos, planejamento de enquadramentos e composição das imagens, além de auxiliar na ideação das cenas, promovendo uma direção fotográfica mais estratégica e organizada.

Figura 25 – Painel semântico de aspectos técnicos das fotografias com modelos
Fonte: Elaboração pela autora.



MOODBOARD 4: DESIGN GRÁFICO NA MANIPULAÇÃO DE IMAGEM

Aqui, visto na figura 26, as referências são exploradas no aspecto gráfico. O painel sintetiza a estética experimentalista das peças, explorando mixed media, com manchas, rabiscos, colagens, movimento, contraste e maximalismo, uma "bagunça organizada", funcionando como peças de arte visual. O uso de gradientes, textos secundários, granulados e experimentações de ângulos reforçam a identidade disruptiva da coleção.



MOODBOARD 5: DESIGN GRÁFICO NO EDITORIAL

Este painel semântico, posto na figura 27, tem como norte a diagramação editorial, mostrando a incorporação de ruídos, texturas, fontes estilizadas, manchas, cores saturadas e sobreposições não usuais. Textos foram tratados como elementos visuais, sendo desconstruídos e reconfigurados para dialogar com a estética marginal e a narrativa conceitual da coleção.

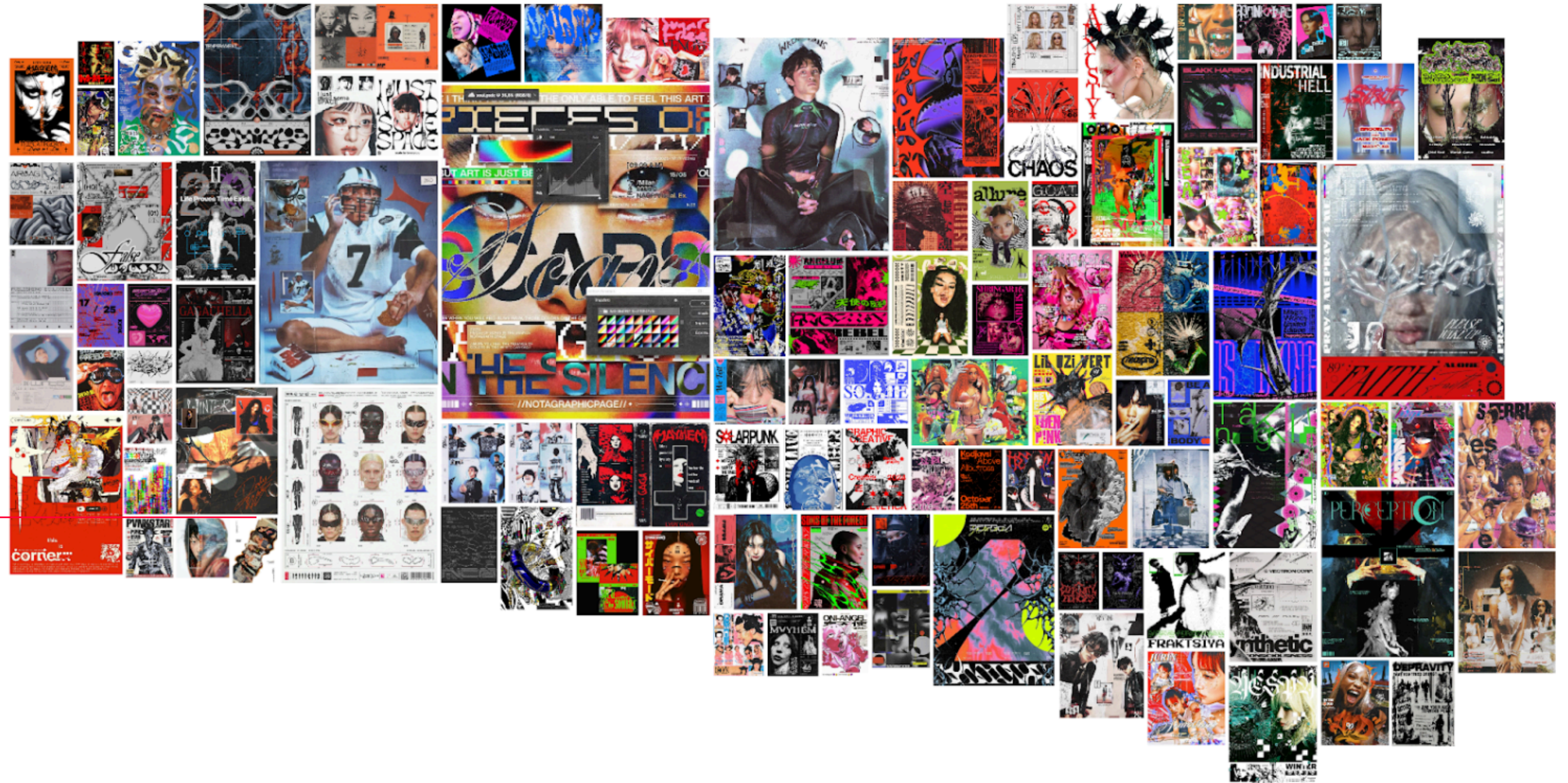


Figura 27
– Painel
semântico
da etapa
gráfica,
ligada ao
design
editorial.
Fonte:
Elaboraça
o pela
autora.

MAPA MENTAL

O mapa mental, exposto na figura 28, funcionou como guia visual para organizar ideias, propostas, conceitos, referências, estratégias e suas relações. Tal ferramenta permitiu estabelecer um panorama geral do projeto, subdividido em campos de atuação: fotografia, gráfico e editorial.

Figura 28 – Mapa Mental.
Fonte: Elaboração pela autora.

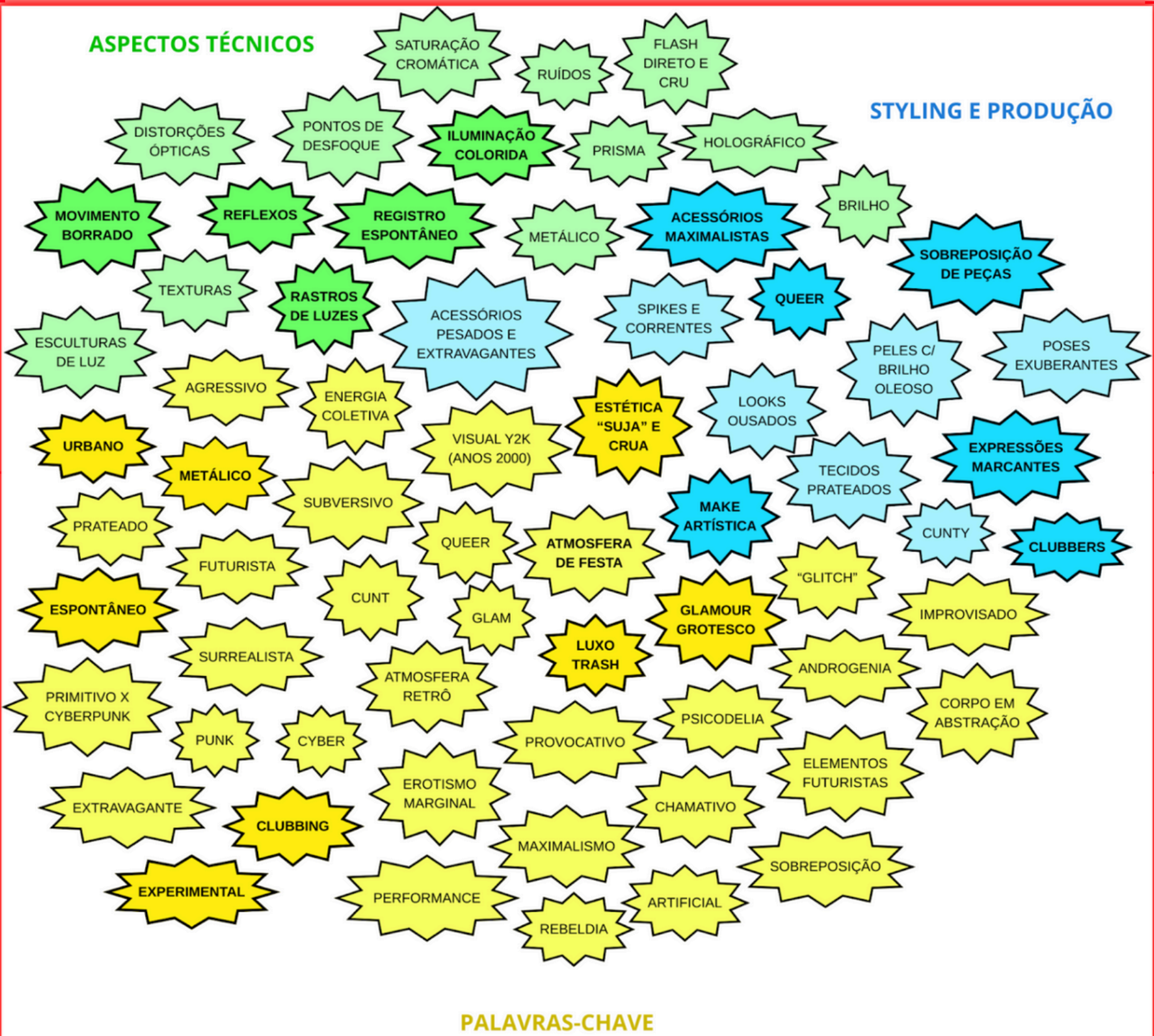
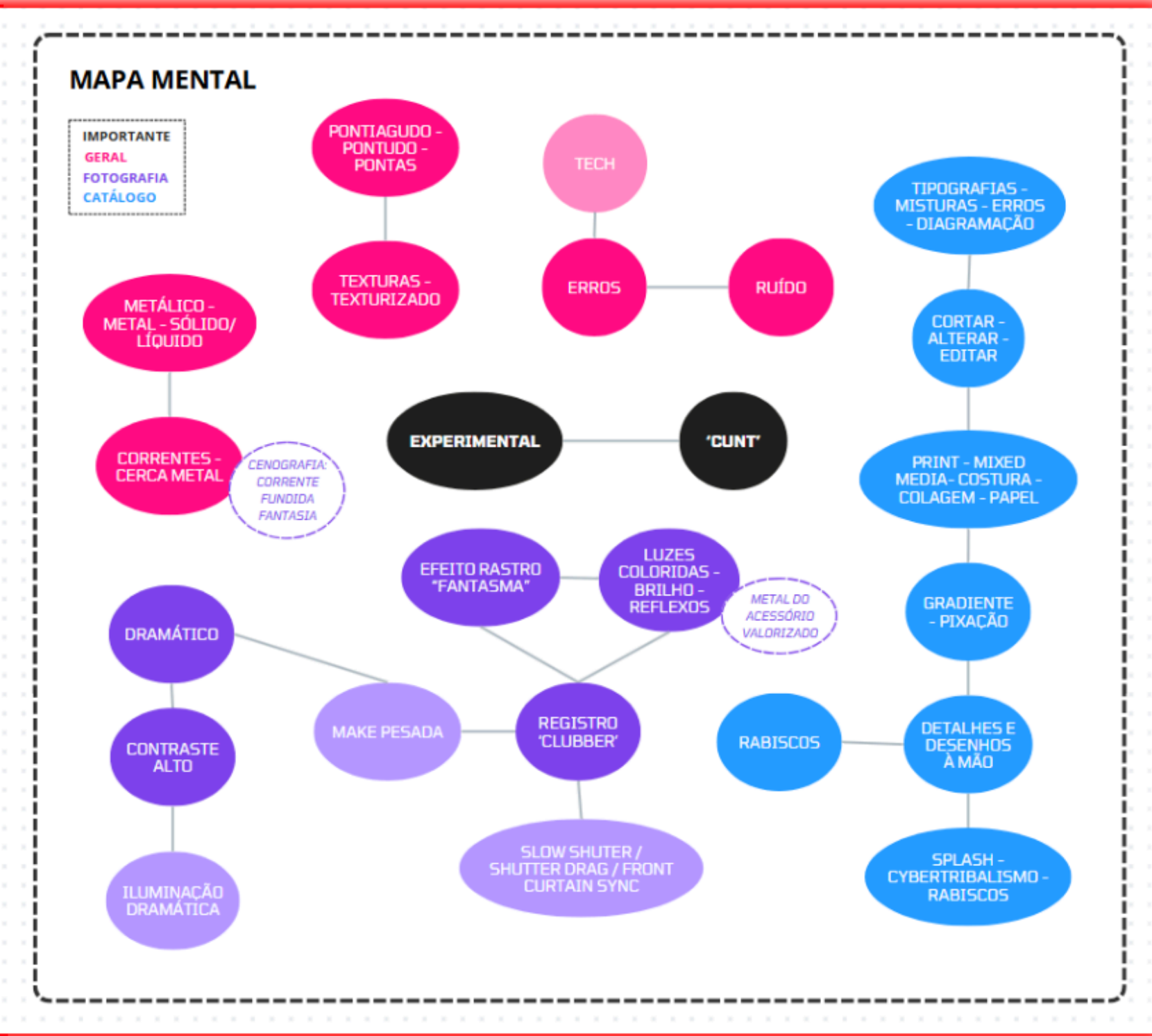
A nuvem de palavras-chave, colocada na figura foi estruturada por categorias codificadas por cores, facilitando a visualização e organização das ideias:

NUVEM DE PALAVRAS-CHAVE

Assim como o mapa mental, essas palavras-chave foram organizadas por campos de atuação, permitindo a visualização de conceitos e objetivos para definição e detalhamento do projeto. Tal recurso está inserido na concepção por ampliar repertório e indicar caminhos criativos.

A nuvem de palavras-chave, exibida na figura 29, destacou os termos centrais relacionados à estética e à produção do projeto, revelando padrões e frequências de elementos visuais e conceituais, funcionando como um recurso para identificar conexões e direcionamentos estéticos.

Figura 29 – Nuvem de Palavras-Chave.
Fonte: Elaboração pela autora.



FLUXOGRAMA

Esse recurso organizou de forma lógica e projetual os caminhos definidos anteriormente de modo intuitivo, como demonstrado na figura 30, surgindo como ferramenta de planejamento prático para as etapas futuras, estruturando de forma sequencial e interligada a ideia concebida e proporcionando execução mais prática e palpável das etapas do projeto.

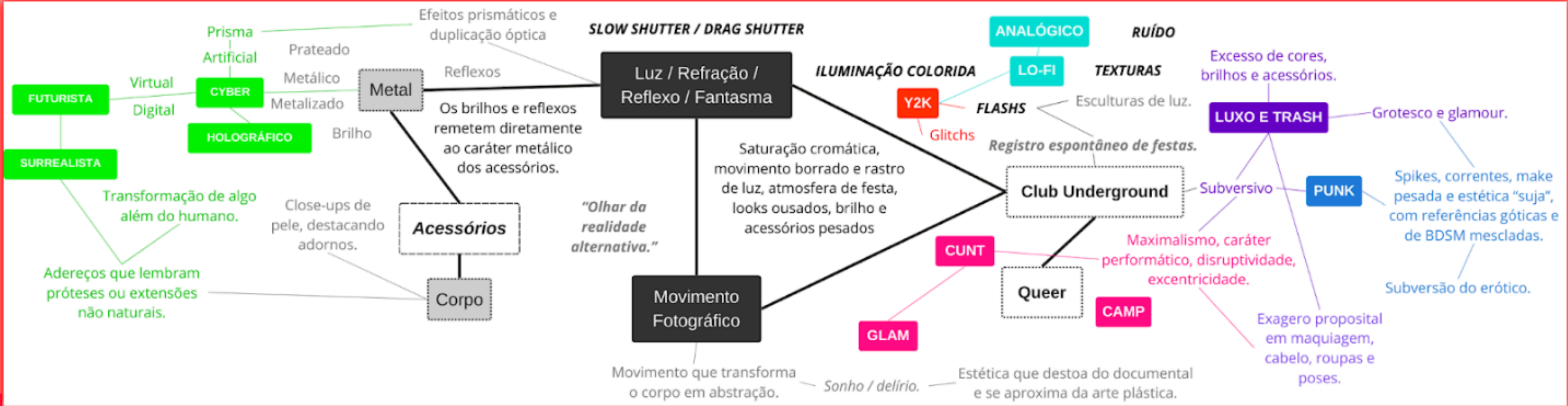


Figura 30 – Fluxuograma. Fonte: Elaboração pela autora.

PLANO DE PROJETO FINAL

A partir da pesquisa, da análise e da utilização de diversas ferramentas criativas, foram definidas as diretrizes conceituais e técnicas para a realização prática do projeto.

PRODUÇÃO VISUAL/FOTOGRAFICA

Realização de duas produções fotográficas, uma dedicada aos acessórios e outra envolvendo modelos:

★ PRODUÇÃO FOTOGRAFICA DOS ACESSÓRIOS

Criação de imagens detalhadas, organizadas de modo a assegurar a máxima visibilidade dos produtos. Espera-se aplicar efeitos de cores e reflexos nos materiais dos acessórios por meio da manipulação da iluminação, explorando textura, sombra e saturação para valorizar suas características físicas.

★ PRODUÇÃO FOTOGRAFICA COM MODELOS

Os modelos deverão ser participantes da cena clubber underground queer brasileira, remetendo ao pertencimento e autenticidade do projeto. Assim, as fotografias deverão transmitir a sensação e ambientação de que o casting está inserido em um evento underground, utilizando recursos que representem tais aspectos.

PRODUÇÃO GRÁFICA/EDITORIAL

O catálogo a ser desenvolvido terá uma estética disruptiva e subversiva, destinada a exaltar subculturas historicamente discriminadas pela hegemonia cultural dominante. A base editorial seguirá configurações de peças high fashion, sem inclusão de preços ou textos complementares, de modo que a tipografia e os recursos gráficos se apresentem como elementos artísticos e expressivos. Portanto, pretende-se valorizar e dar espaço à subcultura underground queer, cujos corpos e vivências foram historicamente e sistematicamente oprimidos.

Na consolidação da etapa de desenvolvimento gráfico e editorial do catálogo, será incentivada a experimentação visual de diferentes disposições de elementos, texturas, ruídos, colagens e tipografias, reconhecendo tais recursos como formas de expressão tão relevantes quanto a informação transmitida. O layout previsto será variado e disruptivo, explorando cores saturadas, manchas, rabiscos e demais possibilidades proporcionadas pelos softwares contemporâneos de design.

CRIAÇÃO			
	3. CRIAÇÃO		PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA DOS ACESSÓRIOS
	Essa etapa compreende a materialização do trabalho, seguindo as diretrizes do plano de projeto definido e perpassando pelas etapas necessárias até resultar no produto final.		

A produção fotográfica dos acessórios foi norteadada pela criação de imagens detalhadas, organizadas para assegurar a máxima visibilidade dos produtos, adicionando, contudo, o fator disruptivo estético. Foram criados efeitos de cores e reflexos nos materiais por meio da manipulação da iluminação, explorando textura, sombra e saturação, dando destaque às peças e valorizando suas características físicas. Além disso, buscou-se manter coerência entre o discurso conceitual e as produções fotográficas. Foram utilizados equipamentos e iluminação adaptada, com o objetivo de criar atmosferas visuais consistentes com a proposta subcultural underground, sem sobrepor a função de visualização dos acessórios. Aqui, a concepção se transforma em prática.

LISTAGEM DE RECURSOS DISPONÍVEIS

Nesta etapa, como posto na figura 31, a inserção da concepção em prática materializa-se em decisões estéticas concretas. Como norteamto para as decisões práticas durante a produção de fotos, foi desenvolvida uma listagem de recursos disponíveis, abrangendo equipamentos, possibilidades de composições cenográficas, objetos à disposição e alternativas palpáveis de locações.

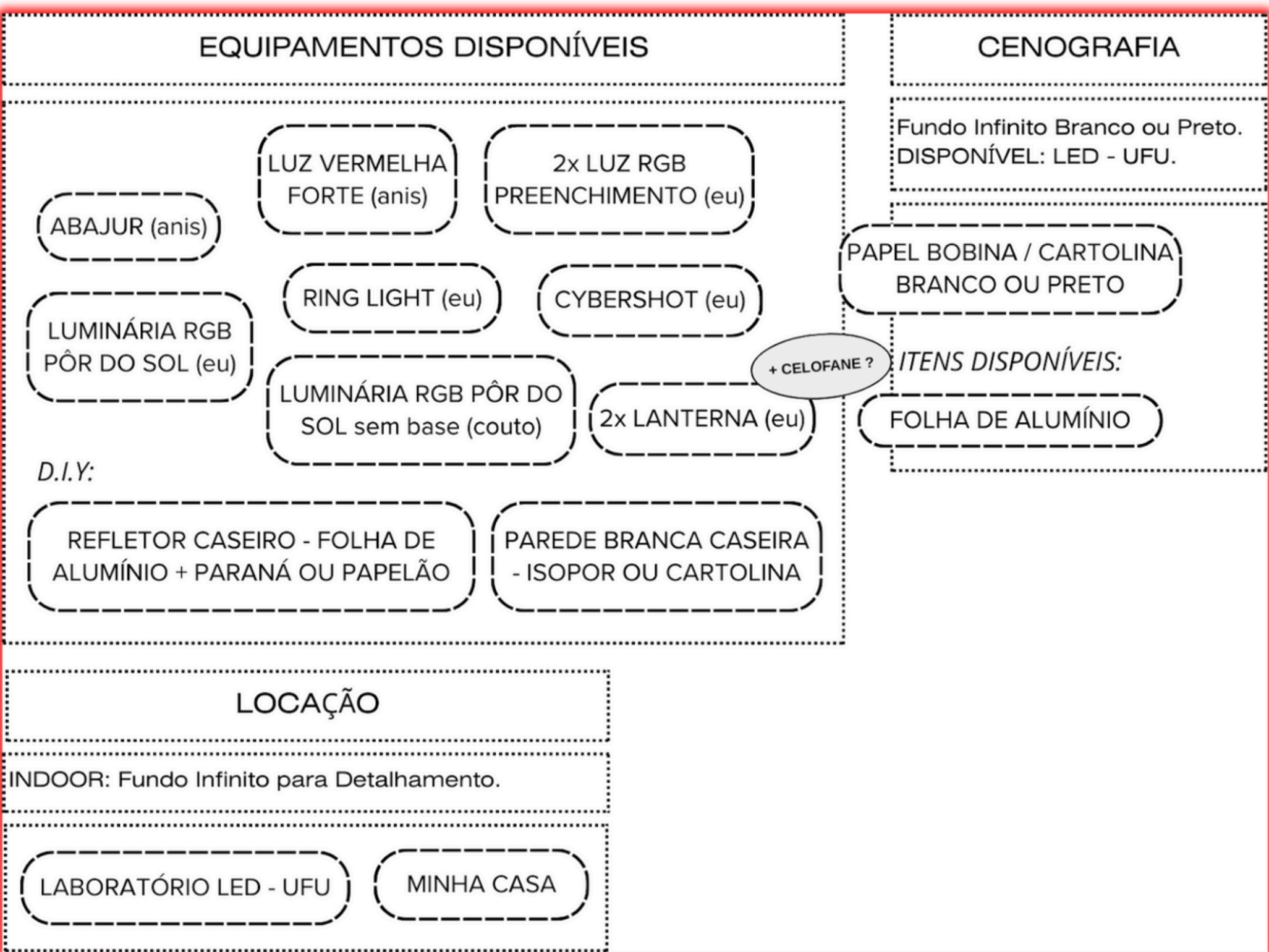


Figura 31 – Listagem de recursos diponíveis para a produção fotográfica dos acessórios. Fonte: Elaboração pela autora.

CENOGRAFIA
E ILUMINAÇÃO
FOTOGRAFICA

A cenografia foi composta por uma caixa de estúdio de pequeno porte destinada à fotografia de objetos, disponível no Laboratório de Expressão Digital (LED) da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia. O equipamento possui fundo infinito de paredes metálicas reflexivas.

O mini estúdio foi forrado por um fundo de plástico difusor opaco branco sobre o metalizado da base, evitando mistura de materiais, pois o metal dos acessórios poderia se confundir com o metalizado da caixa. Sobre essa camada, foi colocado celofane transparente, criando uma película reflexiva explorada pelas luzes e refletida pelas peças, valorizando texturas e formatos. Por fim, como representado na figura 32, é posto uma camada de celofane holográfico foi adicionada, proporcionando variações de cores e tons reflexivos.

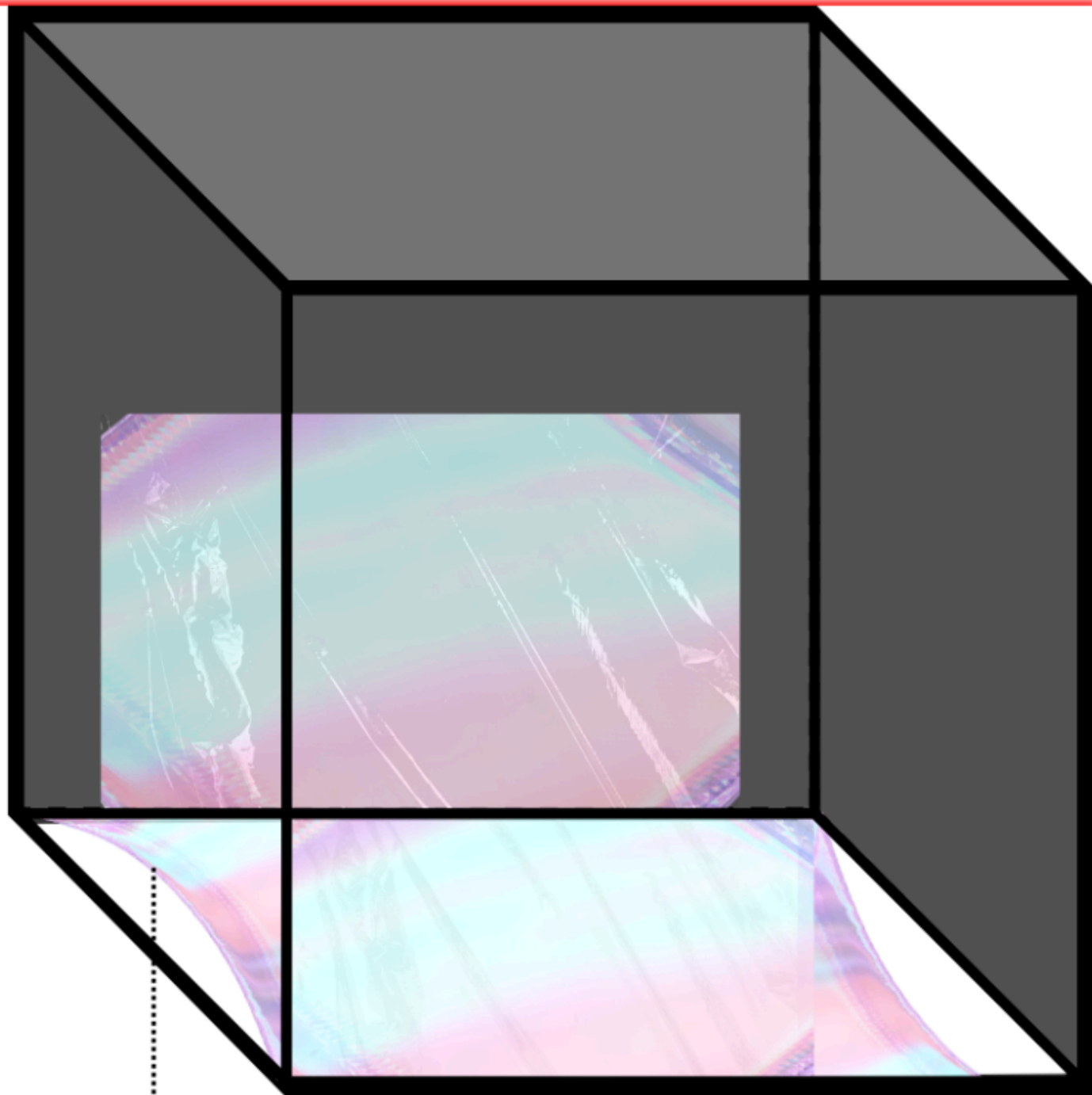
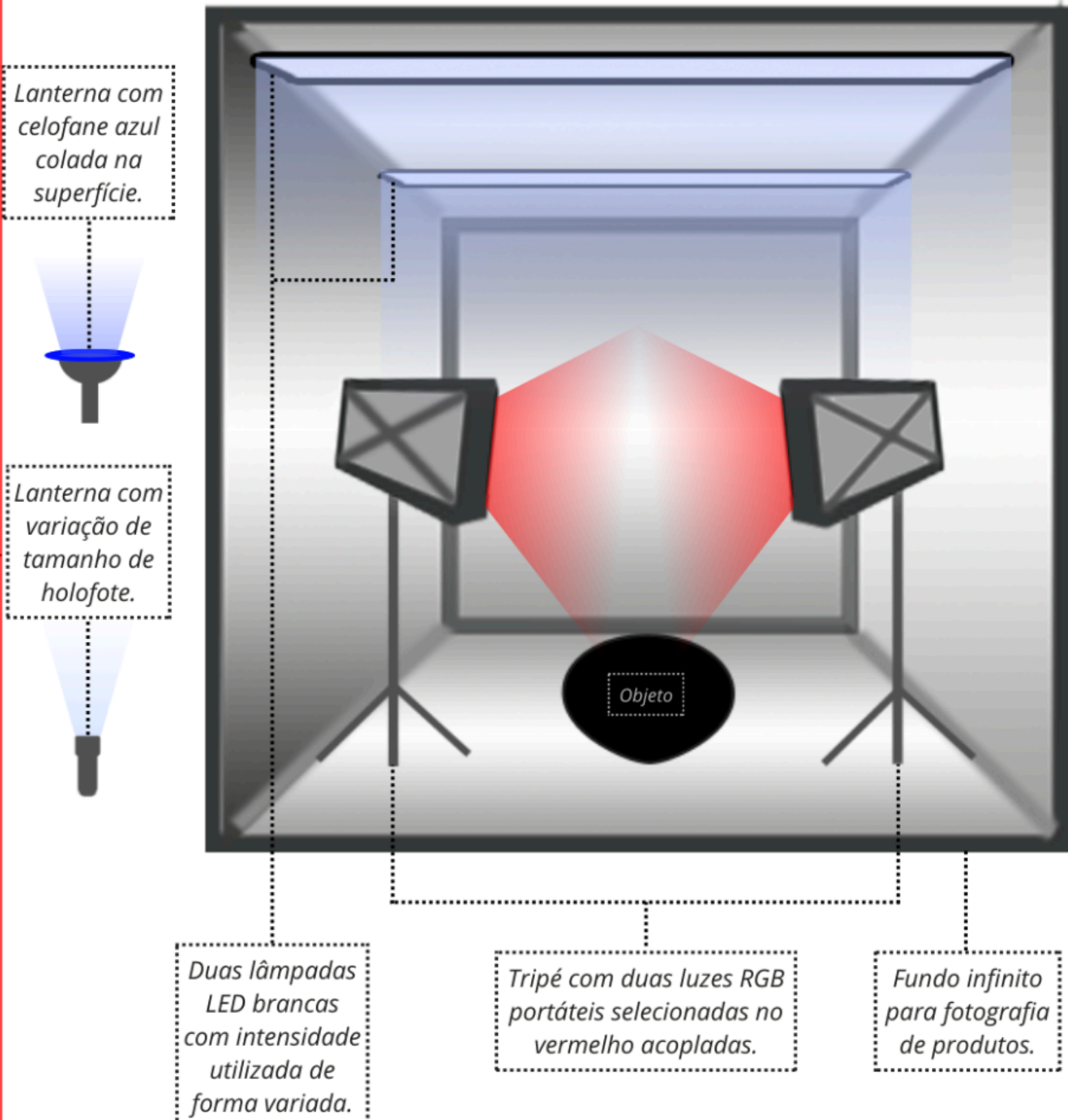


Figura 32 –
Diagrama de
cenografia
simples.
Fonte:
Elaboração
pela autora.

Plástico branco semi-transparente,
com uma camada de celofane
transparente por cima e depois outra
camada de celofane holográfico.

A iluminação principal foi composta por duas lâmpadas LED brancas de intensidade regulável, acopladas ao estúdio portátil, assim como representado pela figura 33. Também foram posicionadas duas LEDs portáteis RGB vermelhas como luz de preenchimento e detalhamento, trazendo a ambientação clubber underground. Além disso, foram utilizadas duas lanternas, uma com celofane azul e outra branca, proporcionando reflexos, recortes e realces no metal dos acessórios.

Figura 33 – Diagrama de iluminação fotográfica
Fonte: Elaboração pela autora.



Lanterna com
celofane azul
colada na
superfície.

Lanterna com
variação de
tamanho de
holofote.

Duas lâmpadas
LED brancas
com intensidade
utilizada de
forma variada.

Tripé com duas luzes RGB
portáteis selecionadas no
vermelho acopladas.

Fundo infinito
para fotografia
de produtos.

RESULTADOS PARCIAIS

O ensaio resultou em imagens com destaque para cores vibrantes, texturas metálicas e reflexos coloridos, proporcionando estética disruptiva e high-fashion. A composição do set, conforme mostrado na figura 34, a manipulação da luz e as configurações definidas de câmera possibilitou efeitos estéticos inspirados na estética underground, criando rastros de luz e reflexos coloridos

A sessão de fotos, durou aproximadamente 8 horas e foi realizada no Laboratório de Expressão Digital (LED). As predefinições de câmera foram configuradas para prevenir perda de dados, gerando 27,6 GB de arquivos e 926 imagens.

PRODUÇÃO FOTOGRAFICA COM MODELOS

Figura 34 – Registro de Backstage.
Fonte: Elaboração pela autora.

A produção fotográfica foi estruturada para refletir a estética subcultural underground, integrando conceitos de grotesco glamouroso e experimentação visual. O processo envolveu planejamento, direção de fotografia, casting, cenografia, iluminação, styling e edição de imagem. O ensaio com modelos buscou capturar a essência da cena clubber underground queer, diferenciando-se de editoriais fashion glamourosos tradicionais.



LISTAGEM DE RECURSOS DISPONÍVEIS

Para a materialização conceitual em produção estética concreta, foi desenvolvido um levantamento de recursos disponíveis, apresentado na figura 35, incluindo equipamentos, composições cenográficas, objetos à disposição e alternativas de locações.

Figura 35 – Listagem de recursos diponíveis para a produção fotográfica com o casting.
Fonte: Elaboração pela autora.

EQUIPAMENTOS DISPONÍVEIS

2x LUZ RGB PREENCHIMENTO (eu)

LUMINÁRIA RGB PÔR DO SOL (eu)

RING LIGHT (eu)

2x LANTERNA (eu)

LUMINÁRIA RGB PÔR DO SOL sem base (coute)

CYBERSHOT (eu)

CÂMERA SEMI-PROFISSIONAL (coute)

LUZ VERMELHA FORTE (anis)

ABAJUR (anis)

LENTE 80mm (coute)

LENTE 35mm (coute)

CELULARES ANTIGOS (eu)

CELOFANE HOLOGRÁFICO

PLÁSTICO CRISTAL TRANSPARENTE

CELOFANE METALIZADO PRATA

FUNDO BRANCO (tecido)

FUNDO PRETO (tecido)

REFLETOR CASEIRO - FOLHA DE ALUMÍNIO + PARANÁ OU PAPELÃO

REFLETOR CASEIRO - CARTOLINA (+PARANÁ OU PAPELÃO?)

COMPRADO (A CHEGAR)

COMPRAR (MÃE)

D.I.Y:

CENOGRAFIA

Fundo Brilhoso, metalizado prata, branco ou preto. Itens em metal, ruído, brilho, clubbing.

FOLHA DE CELOFANE HOLOGRÁFICA, PRATA METALIZADO, TRANSPARENTE OU COR ESPECÍFICA

PAPEL BOBINA BRANCO OU PRETO

FOLHA DE ALUMÍNIO

ITENS DISPONÍVEIS:

CYBERSHOT (eu)

TELEVISÃOZINHA ANTIGA (coute)

CONTROLADORA DJ (anis)

DISCOS VINIL (eu)

HEADPHONE DJ (anis)

CÂMERA FILMAGEM GRANDE (coute)

LOCAÇÃO

OUTDOOR: Paisagem urbana, local abandonado, asfalto, selva urbana. Restrições: Nada de "natural" ou "vivo".
INDOOR: Estúdio com fundo cenográfico.

POSSÍVEIS LOCAÇÕES

ESTACIONAMENTO UBERLÂNDIA SHOPPING

PLACAS DE METAL NA UFU?

ESPAÇO FESTA - PRÉDIO TIA LÉIA

ELEVADOR MEU PRÉDIO

PRÉDIO DA PREFEITURA

BANHEIRO UNISEX - 1i - UFU

ESCADA CIRCULAR - UFU - PRÉDIO ANTIGO

CENOGRAFIA E
ILUMINAÇÃO
FOTOGRAFICA

O ensaio com modelos foi realizado em espaço fechado, permitindo controle de iluminação e manipulação do ambiente. A locação escolhida foi o apartamento da autora, possibilitando ajustes e testes prévios dos elementos cenográficos.

Como composição, foi utilizado tecido branco pendurado como fundo infinito, sobreposto por plástico cristal, ampliando propriedades reflexivas. Um celofane metálico prateado foi colocado no chão, cobrindo a parte inferior do tecido e ampliando o efeito visual, garantindo que a altura mínima dos modelos fosse contemplada.

Conforme exibido nas figuras 36 e 37, foram elaborados diagramas de iluminação para melhor aproveitamento do ambiente. A iluminação incluiu ring light como luz de preenchimento, LED RGB como luz principal, spots anexados às paredes e lanternas com celofanes coloridos para recorte e detalhamento. Também foi utilizado flash da câmera em potência mínima, complementando o set design e realçando feições sem comprometer outros elementos.

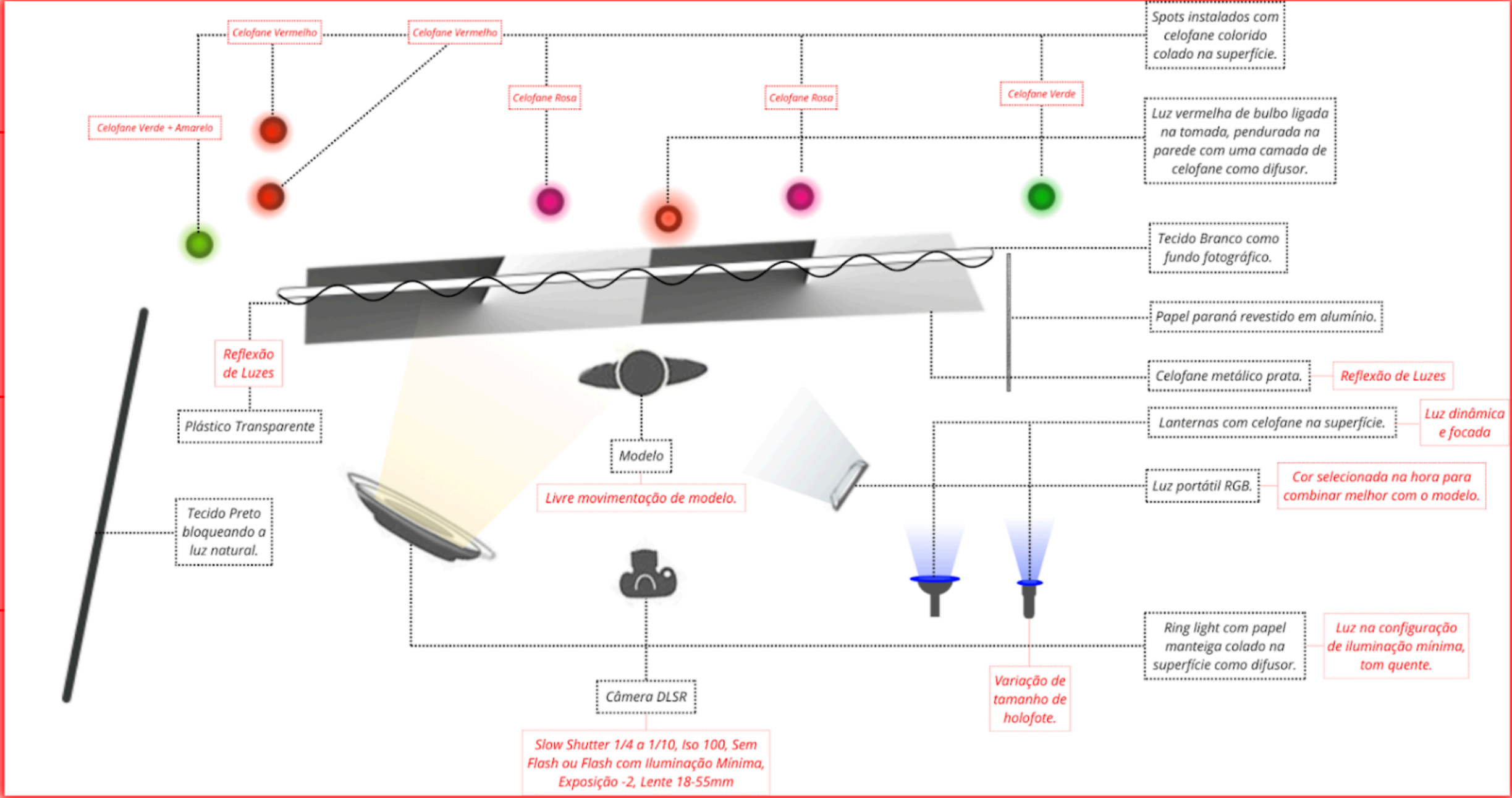


Figura 36 –
Diagrama de
iluminação
fotográfica.
Vista Superior.
Fonte:
Elaboração
pela autora.

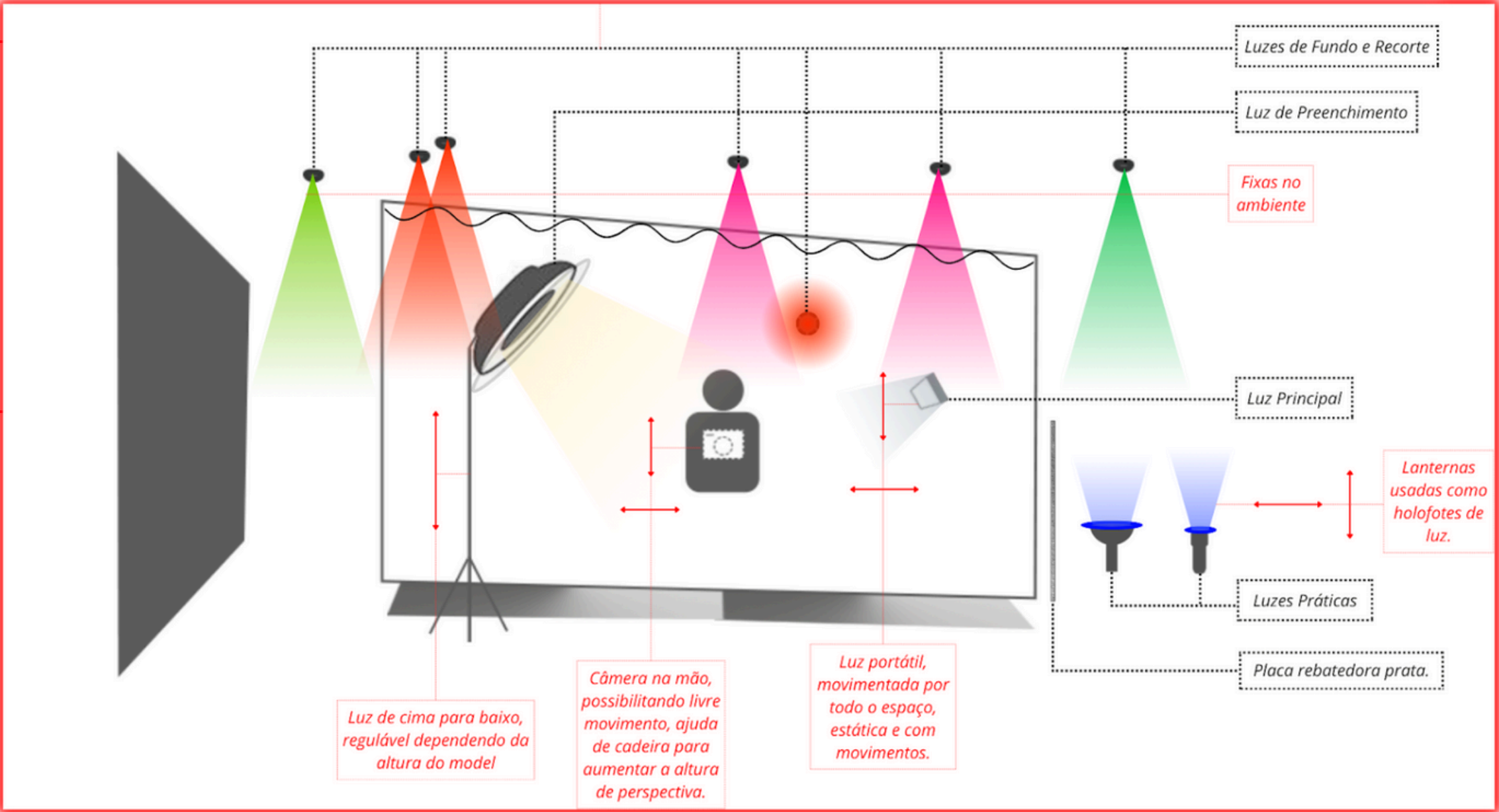


Figura 37 –
Diagrama de
iluminação
fotográfica.
Vista Lateral.
Fonte:
Elaboração
pela autora.

PRODUÇÃO
FOTOGRAFICA
COM MODELOS

CASTING,
STYLING E
BELEZA

O casting foi realizado com modelos integrantes da cena clubber underground uberlandense, com cada acessório previamente designado para cada participante com base no conhecimento pessoal da autora sobre estilo e persona de cada modelo:



- ★ ANA BEATRIZ SIMPLÍCIO;
- ★ ANA ISABEL CARVALHO;
- ★ GABRIELA COUTO;
- ★ JOÃO NETO MATOS CAMILLO;
- ★ JULIA TOSCANO;
- ★ LUIZ GUSTAVO DE PAULA;
- ★ SOFIA MENDES DAYRELL.

O styling contou com participação ativa dos modelos, que autogeriram seus looks, preservando autenticidade e pluralidade estética. Foi enviado previamente um guia explicativo, exposto na figura 38, com informações sobre o ensaio, detalhando cada peça e permitindo que os modelos componham looks de acordo com suas individualidades, garantindo coerência estética e expressividade pessoal.

Figura 37 – Guia inicial
para o casting.
Fonte: Elaboração
pela autora.

PLANEJAMENTO E PRÉ-PRODUÇÃO

Após definição do look de cada modelo, foi elaborado planejamento visual detalhado de cabelo e maquiagem, mostrado na figura 38, garantindo fidelidade à estética do projeto e preservando individualidades.



Figura 38 – Croquis de planejamento. Maquiagem e cabelo.
Fonte: Elaboração pela autora.

Além disso, um painel semântico foi enviado ao casting, sintetizando conceitos dos moodboards fotográficos anteriores, norteando poses e expressões. Também, como aponta a figura 39, foi criado cronograma detalhado do dia do ensaio para organização eficiente das etapas.

GRUPO 1	08:30	TEMPO DE CHEGADA: GRUPO 1	CADA RETÂNGULO EM NEGRITO = 1h
ABÊ DAYRELL LUIZ	09:00	PRÉ-PRODUÇÃO: STYLING E BELEZA (GRUPO 1)	
	09:30	PRÉ-PRODUÇÃO: STYLING E BELEZA (GRUPO 1)	
GRUPO 2 ANISBEL CAMILLO COUTO JU TOSC	10:00	PHOTOSHOOTS SOLOS - GRUPO 1	OBS.: A ordem dos modelos entre seu respectivo grupo (1 ou 2) pode ser alterada caso necessário, vamos combinar na hora ;)
	10:30	PHOTOSHOOTS SOLOS - GRUPO 1	
	11:00	PHOTOSHOOTS SOLOS - GRUPO 1	
	11:30	PHOTOSHOOTS SOLOS - GRUPO 1	
	12:00	PHOTOSHOOTS SOLOS - GRUPO 1	
	12:30	PHOTOSHOOTS SOLOS - GRUPO 1	
	13:00	PHOTOSHOOT TODOS GRUPO 1	
		TEMPO DE CHEGADA: GRUPO 2	
	13:30	PRÉ-PRODUÇÃO: STYLING E BELEZA (GRUPO 2)	
	14:00	PRÉ-PRODUÇÃO: STYLING E BELEZA (GRUPO 2)	
	14:30	PHOTOSHOOT TODOS GRUPO 2	
	15:00	PHOTOSHOOTS SOLOS - GRUPO 2	
	15:30	PHOTOSHOOTS SOLOS - GRUPO 2	
	16:00	PHOTOSHOOTS SOLOS - GRUPO 2	
	16:30	PHOTOSHOOTS SOLOS - GRUPO 2	
	17:00	PHOTOSHOOTS SOLOS - GRUPO 2	
	17:30	PHOTOSHOOTS SOLOS - GRUPO 2	
	18:00	PHOTOSHOOTS SOLOS - GRUPO 2	
	18:30	PHOTOSHOOTS SOLOS - GRUPO 2	
	19:00	TÉRMINO	

Figura 39 – Cronograma para o dia do photoshoot com os modelos.
Fonte: Elaboração pela autora.

CRIAÇÃO	PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA COM MODELOS		
	RESULTADOS PARCIAIS		
	<p>O ensaio fotográfico buscou representar o tema clubber underground queer, contrastando com editoriais fashion convencionais e enfatizando grotesco glamouroso e expressão marginal.</p> <p>Foram mais de 12 horas de ensaio entre turnos de modelos e produção, como retratado nas figuras 40, tendo como créditos:</p>		
DESENVOLVIMENTO	<ul style="list-style-type: none"> ★ FOTOGRAFIA / DIREÇÃO DE ★ FOTOGRAFIA: JÚLIA TAVARES. ★ DIREÇÃO DE ARTE: JÚLIA TAVARES. ★ STYLING (ESTILO / PRODUÇÃO DE MODA): MODELOS. ★ DIREÇÃO E PRODUÇÃO DE BELEZA (CABELO & MAQUIAGEM): JÚLIA TAVARES. ★ ASSISTENTE DE PRODUÇÃO E ★ ESTILIZAÇÃO DE MAQUIAGEM: GABRIELA GOMES DE ANDRADE. ★ MODELOS: ANA BEATRIZ SIMPLÍCIO, ANA ISABEL CARVALHO, GABRIELA COUTO, JOÃO NETO MATOS CAMILLO, JULIA TOSCANO, LUIZ GUSTAVO DE PAULA E SOFIA MENDES DAYRELL. ★ PRODUÇÃO EXECUTIVA / PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA: JÚLIA TAVARES. ★ ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA: AUXÍLIOS DOS MODELOS. ★ EDIÇÃO / TRATAMENTO DE IMAGEM: JÚLIA TAVARES. ★ CENOGRAFIA E ILUMINAÇÃO / SET DESIGN: JÚLIA TAVARES. ★ LOCAÇÃO: ESTÚDIO IMPROVISADO EM APARTAMENTO 		
		<p>Figura 40 – Colagem de registros de backstage Fonte: Elaboração pelo casting do projeto.</p>	
		<p>Durante o processo, alimentação e bebidas foram disponibilizadas ao casting. A direção e produção fotográfica utilizou slow shutter (1/4 a 1/20), capturando rastros de luz e movimento. A ambientação e energia da cena underground foram captadas por movimentação dos modelos e iluminação, mantendo tom high-fashion.</p> <p>As imagens foram salvas simultaneamente em RAW e JPEG, gerando 26,8 GB de arquivos e 2.028 imagens. A cada sessão, os arquivos foram transferidos para computador, prevenindo perda por corrupção de cartão de memória.</p>	
			34

CRIAÇÃO				
		DESIGN GRÁFICO E EDITORIAL: CATÁLOGO		
		O catálogo foi desenvolvido como peça artística única e experimentalista, buscando traduzir o briefing e a concepção projetual, aliada à estética subversiva subcultural, em uma narrativa visual coesa. As decisões gráficas foram finalizadas nesta etapa, garantindo unidade entre fotografia, manipulação e layout.		
			MATERIAIS, FERRAMENTAS E CONCEITO VISUAL	
		Como ferramentas de criação gráfica e editorial, foram utilizados softwares da linha Adobe, especificamente Adobe Photoshop, Adobe Lightroom e Adobe InDesign.	A experimentação visual funcionou como elemento norteador da coerência conceitual, servindo de base para o desenvolvimento do catálogo. O objetivo foi criar peças que funcionavam simultaneamente como arte visual e apresentação da coleção.	
DESENVOLVIMENTO		SELEÇÃO, EDIÇÃO, TRATAMENTO E MANIPULAÇÃO DE IMAGEM		
		A partir da produção visual fotográfica, que resultou em aproximadamente 3.000 arquivos de imagens, foi realizada a seleção criteriosa das fotografias para a produção gráfica e editorial.	Diversas filtragens e seleções foram efetuadas considerando qualidade de imagem, ângulos, foco, adequação ao conceito e poses. Durante esse processo, cerca de 584 fotografias foram tratadas, com média de 69 fotos por modelo e um total de 98 fotos de acessórios.	O tratamento de imagem teve como objetivo realçar cores, contrastes, brilho e nitidez, preservando detalhes metálicos e mantendo coerência com as referências visuais previamente definidas.
		CONSTRUÇÃO GRÁFICA		
		<p>Como a identidade visual da loja ainda não estava definida, a criação do catálogo partiu do briefing e conceito da coleção, resultando em uma peça artística e experimental.</p> <p>O catálogo foi estruturado como editorial high-fashion disruptivo, priorizando a estética visual sobre informações comerciais. Os textos presentes assumem caráter informativo reconfigurado, funcionando como elementos visuais complementares das fotografias.</p> <p>Foram realizadas experimentações com camadas, ruídos, texturas, manchas e repetições, buscando equilíbrio visual na desordem sem comprometer o conceito. Cada página integra fotos, tipografia e elementos visuais, formando uma narrativa contínua, explorando cores, manchas e texturas, equilibrando legibilidade e experimentação.</p>	TIPOGRAFIA, CORES E LAYOUT	
			<p>Foram adotadas tipografias excêntricas, marcantes e estilizadas: Black Spider, Dephunked BRK, Fake Receipt, Desirable Brust Texture e Arial estilizada:</p> <ul style="list-style-type: none"> ★ <i>TÍTULOS / NOME DOS ACESSÓRIOS: BLACK SPIDER REGULAR.</i> ★ <i>CORPO DO TEXTO: DEPHUNKED BRK REGULAR, FAKE RECEIPT REGULAR E ARIAL REGULAR ALTERADA.</i> ★ <i>DETALHES: DESIRABLE BRUST TEXTURE E ARIAL REGULAR ESTILIZADA.</i> 	<p>A paleta de cores utilizada foi saturada, explorando combinações complementares e análogas. Houve experimentação com sobreposição de elementos, texturas, manchas e ruídos, criando um “caos organizado”, equilibrando legibilidade e criatividade, explorando os limites e possibilidades dos softwares utilizados.</p>
				35

Resultado Final

RESULTADO FINAL

O catálogo apresenta a coleção de acessórios alternativos de forma experimental, disruptiva e visualmente coesa, priorizando fotografia e produção gráfica como elementos centrais e protagonistas.

O resultado final completo do catálogo encontra-se no APÊNDICE A.

36

CATÁLOGO

O catálogo tem como principal canal de divulgação a plataforma Instagram, mas também foi adaptado para impressão em edições limitadas.

Foi estruturado para fácil adaptação entre uso digital e impresso, com páginas verticais de 1080 x 1350 pixels em 300 ppi, compatíveis com Instagram e impressão de qualidade, permitindo transição fluida entre formatos.

A organização visual conecta cada página como um todo, integrando fotografias, tipografias, cores e elementos em fluxo contínuo, equilibrando legibilidade, experimentação e experiência de visualização online.

DETALHAMENTO E PAGINAÇÃO

- ★ CAPA: LARGURA DA LOMBADA: 2,80 MM; FORMATO VERTICAL 1080 X 1350 PX; 300 PPI, ADEQUADO PARA VISUALIZAÇÃO ONLINE E IMPRESSÃO.
- ★ CORPO: FORMATO VERTICAL 1080 X 1350 PX; 300 PPI, ADEQUADO PARA VISUALIZAÇÃO ONLINE E IMPRESSA.

is

Considerações Finais

Considerações

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho demonstrou a relevância da produção visual e do design gráfico como ferramentas de afirmação, resistência e legitimação de estéticas subculturais historicamente marginalizadas. A partir da criação do catálogo de lançamento da coleção de acessórios alternativos da marca GROTEZKE, evidenciou-se a importância de articular direção criativa, fotografia, design gráfico e editorial de maneira coerente com valores éticos e estéticos, centrados na comunidade queer e clubber underground.

O percurso deste trabalho evidenciou que o design gráfico e a produção visual podem assumir funções que vão além da simples comunicação de produtos ou da construção de materiais promocionais. Durante o desenvolvimento do catálogo da marca GROTEZKE, percebeu-se que cada decisão gráfica, fotográfica ou editorial não se restringe a uma escolha estética isolada, mas carrega consigo implicações simbólicas e discursivas. Associadas a um universo subcultural específico, tais escolhas tornam-se ainda mais significativas, pois reforçam ou questionam narrativas de pertencimento, identidade e visibilidade.

A construção do catálogo da marca GROTEZKE constituiu não apenas um exercício de design aplicado, mas também um espaço de experimentação, no qual pesquisa, prática e sensibilidade estética se articularam de forma contínua. Essa interseção demonstrou que a produção visual, quando pensada de maneira crítica, vai além de uma função meramente estética e aproxima-se de um processo de tradução cultural.

O projeto evidenciou ainda que o design, aliado à produção fotográfica e editorial, pode atuar como agente de transformação cultural, promovendo inclusão, visibilidade e fortalecimento de comunidades subculturais. Ao mesmo tempo, contribui para a pluralidade e inovação nas práticas visuais contemporâneas. O catálogo da coleção de acessórios alternativos da GROTEZKE funcionou como dispositivo de valorização da cena clubber underground queer, permitindo traduzir em linguagem visual as experiências, estética e identidade da comunidade.

Este processo não esteve isento de limitações. Frequentemente, a necessidade de traduzir conceitos abstratos em soluções gráficas concretas mostrou-se desafiadora, exigindo ajustes e reformulações ao longo do percurso. No entanto, foram justamente esses limites que possibilitaram amadurecer as decisões tomadas e compreender que o design não é uma prática linear ou previsível, mas um campo de tensões constantes entre intenção e resultado. O projeto, portanto, não deve ser visto apenas como produto final, mas como percurso em que o aprendizado se deu tanto nas soluções encontradas quanto nas dificuldades enfrentadas.

Ao concluir este trabalho, torna-se evidente que a prática em design é também um exercício de reflexão sobre escolhas, contextos e significados. A elaboração do catálogo da marca GROTEZKE possibilitou experimentar a integração entre fotografia, direção criativa e design editorial como meios de construir uma narrativa estética vinculada a subculturas dissidentes não-hegemônicas.

Mais do que oferecer respostas prontas, este projeto trouxe questionamentos sobre como o design pode dialogar com a diversidade cultural e estética de contextos subculturais. O resultado final não deve ser visto como definitivo, mas como parte de um caminho investigativo que pode se expandir em novas práticas e pesquisas. Ao valorizar esse percurso, entende-se que o design, ao lidar com estéticas marginalizadas, ganha força não apenas como campo criativo e inovador, mas como prática que se abre para interpretações múltiplas e dinâmicas.

Em vez de encerrar a discussão, este trabalho reforça a importância de compreender o design como prática em constante diálogo com o social e o cultural. Cada resultado alcançado é provisório, sujeito a reinterpretações e novas camadas de experimentação. O catálogo da GROTEZKE, nesse sentido, não representa um fim, mas um ponto de partida para futuros desdobramentos, que podem ser explorados de maneiras ainda mais profundas e diversificadas.

Portanto, conclui-se que o design gráfico e a produção visual têm potencial transformador e estratégico, contribuindo para a construção de narrativas visuais autênticas, inclusão simbólica e fortalecimento da identidade subcultural, representando uma alternativa ética e criativa frente às práticas hegemônicas.

Referências Bibliográficas Referências

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ★ BAILEY, MARLON M. GENDER, PERFORMANCE, AND BALLROOM CULTURE IN DETROIT. ANN ARBOR: THE UNIVERSITY OF MICHIGAN PRESS, 2013.
- ★ BARTHES, ROLAND. THE FASHION SYSTEM. BERKELEY: UNIVERSITY OF CALIFORNIA PRESS, 1983. TRADUÇÃO PARA O INGLÊS POR MATHEW WARD E RICHARD HOWARD.
- ★ BERTACINI, RAFAEL AMORIM. ENSAIOS DE LIBERDADE: A FOTOGRAFIA DE MODA EM AUTOANÁLISE CRÍTICA. SÃO PAULO: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, FACULDADE DE ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN, 2021. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (BACHAREL EM DESIGN).
- ★ CARNEIRO, ANDRÉ MATIAS; DIAS, MARIA REGINA ÁLVARES CORREIA; ALMEIDA, MARCELINA DAS GRAÇAS DE. DOSSIÊ: UM OLHAR SOBRE O PAPEL SOCIAL DO DESIGN GRÁFICO DURANTE A DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL (1964-1985). MINAS GERAIS, 2021.
- ★ CHAVES, GUILHERME. A IDENTIDADE VISUAL DAS FESTAS INDEPENDENTES: UMA ANÁLISE DA CRIAÇÃO DE SENTIDO POR MEIO DE LINGUAGENS DESVIANTES. SÃO PAULO: UNIVERSIDADE, 2022. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA).
- ★ CAMARGO, HERTZ WENDEL DE; MENDONÇA, JANICLEI. DESIGN E COMUNICAÇÃO. LONDRINA: EDITORIA SYNTAGMA, 2014.
- ★ FERNANDES, VICTORIA CHUKRI GARCIA. RASTROS DO TERREIRO DE PARALISERGIA: SINTOMAS DO ENVENENAMENTO DA MAMBA NEGRA NA CIDADE DE SÃO PAULO. SÃO PAULO: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO, 2024. TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO.
- ★ FRASCARA, JORGE. COMMUNICATION: DESIGN PRINCIPLES, METHODS, AND PRACTICE. NEW YORK: ALLWORTH PRESS, 2004..
- ★ FURLAN, PEDRO. JALOO E JUP DO BAIRRO CONTAM HISTÓRIAS DO UNDERGROUND NA NOITE PAULISTANA. REVISTA NOIZE, 2025. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.NOIZE.COM.BR/JALOO-E-JUP-DO-BAIRRO-CONTAM-HISTORIAS-DO-UNDERGROUND-DA-NOITE-PAULISTANA](https://www.noize.com.br/jaloo-e-jup-do-bairro-contam-historias-do-underground-da-noite-paulistana). ACESSO EM: 08 AGO. 2025.
- ★ HALL, STUART. CULTURE, THE MEDIA, AND THE 'IDEOLOGICAL EFFECT'. 1977.

as Referências Bibliográficas Referên

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ★ HEBDIGE, DICK. SUBCULTURA: O SIGNIFICADO DO ESTILO. LONDRES: ROUTLEDGE, 1979.
- ★ KER, JOÃO. BADSISTA USA A MÚSICA ELETRÔNICA PRA FALAR DE AMOR EM “CUTEBOYZ”. REVISTA HÍBRIDA, 2025. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://REVISTAHIBRIDA.COM.BR/MUSICA/ENTREVISTA-BADSISTA-EP-CUTEBOYZ/](https://revistahibrida.com.br/musica/entrevista-badsista-ep-cuteboyz/). ACESSO EM: 08 AGO. 2025.
- ★ LARAIA, ROQUE DE BARROS. CULTURA: UM CONCEITO ANTROPOLÓGICO. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 1986.
- ★ LUPTON, ELLEN. THINKING WITH TYPE: A CRITICAL GUIDE FOR DESIGNERS, WRITERS, EDITORS & STUDENTS. NEW YORK: PRINCETON ARCHITECTURAL PRESS, 2004.
- ★ MCROBBIE, ANGELA. FEMINISM AND YOUTH CULTURE. LONDRES: MACMILLAN EDUCATION LTD, 1991.
- ★ MCROBBIE, ANGELA. POSTMODERNISM AND POPULAR CULTURE. LONDRES: ROUTLEDGE, 1994.
- ★ MIQUELI MICHETTI. A LÓGICA SOCIAL DA MODA: APONTAMENTOS PARA UMA TEORIA CRÍTICA DA CULTURA DE CONSUMO. ARARAQUARA: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”, FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS, 2006. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM SOCIOLOGIA).
- ★ OLIVEIRA, LUCIANA XAVIER DE. BATA O SEU KOO: CORPO, GÊNERO E PERFORMANCES DE RACIALIDADE EM UMA FESTA NEGRA LGBTQIA+. REVISTA FAMECOS, 2022.
- ★ PASCOLATO, COSTANZA. IN: PALOMINO, ERIKA. BABADO FORTE: 35 ANOS DE CULTURA JOVEM NO BRASIL. SÃO PAULO: UBU EDITORA, 1999.
- ★ REZENDE, ALINE DA SILVA BORGES. FUNK PAULISTA, CULTURAS BASTARDAS E NARRATIVAS POP-LÍTICAS: UM OLHAR SOBRE AS OUTRAS LÓGICAS DE EXISTÊNCIA PERIFÉRICA NA OSTENTAÇÃO. SÃO PAULO: ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING - ESPM, SP.
- ★ RODRIGUES, THAÍS FERREIRA. A CULTURA BALLROOM NA CIDADE DE SÃO PAULO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO. SÃO PAULO: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES, CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO, 2023. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (ESPECIALISTA EM MÍDIA, INFORMAÇÃO E CULTURA).

as Referências Bibliográficas Referên

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ★ SCHINDLER, JOHANNA; SMÜLLER, PHILIPP. DESIGN FOLLOWS POLITICS? THE VISUALIZATION OF POLITICAL ORIENTATION IN NEWSPAPER PAGE LAYOUT. JOHANNES GUTENBERG-UNIVERSITÄT MAINZ; LMU MUNICH, 2017.
- ★ THORNTON, SARAH. CLUB CULTURES: MUSIC, MEDIA AND SUBCULTURAL CAPITAL. CAMBRIDGE: POLITY PRESS, 1995.
- ★ SILVA, TARCISIO TORRES. ESTÉTICA DAS IDENTIDADES: SOBRE A POLÍTICA EM TORNO DAS REPRESENTAÇÕES NO DIGITAL. CAMPINAS: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS, 2023.

Apêndice A Catálogo

APÊNDICE A - CATÁLOGO



COLEÇÃO DEPUT'A
PRIMAVERA DE 2025



COLEÇÃO DEPUTA

/ @GROTEZKE

1ª COLEÇÃO

GROTEZKE

COLEÇÃO DEPUT'A
PRIMAVERA DE 2025

ESTE CATÁLOGO EDITORIAL É RESULTADO DO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO BACHARELADO
EM DESIGN DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA, POR JÚLIA ALVES TAVARES.

/ @GROTEZKE





















Radianthe

COLLAR

TO PROTECT YOUR COLLAR

SAVAGE

COLLAR 'RADIANTHE'

REASON THE

XRAY

XRAY







COLAR
'SACERDOTADA'



COLAR COLAR COLAR COLAR COLAR COLAR



SACERDOTADA



DE JOMIE
CUTIE
PINKY
ESOTERIC



SACERDOTADA



SACERDOTADA
SACERDOTADA
SACERDOTADA







PORTA-ESQUEIRO

**PORTA-ISQUEIRO
CHAMUSKADAH**

QUEIRO PORTA-ISC QUEIRO F
QUEIRO PORTA-ISC QUEIRO F
QUEIRO PORTA-ISC QUEIRO F

*Chamuscada
Chamuscada*

STARS







O UNIFORME QUE

PEÇAS ÚNICAS
E EXCLUSIVAS,
FEITAS À MÃO.

/ @GROTEZKE

PRODUÇÃO E
DESIGN
ASSINADOS POR
JÚLIA TAVARES.

FOTOGRAFIA / DIREÇÃO DE
FOTOGRAFIA: JÚLIA TAVARES.

DIREÇÃO DE ARTE: JÚLIA
TAVARES.

STYLING (ESTILO / PRODUÇÃO
DE MODA): MODELOS.

DIREÇÃO E PRODUÇÃO DE
BELEZA (CABELO &
MAQUIAGEM): JÚLIA TAVARES.
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO E
ESTILIZAÇÃO DE MAQUIAGEM:
GABRIELA GOMES DE ANDRADE.

MODELOS: ANA BEATRIZ
SIMPLÍCIO, ANA ISABEL
CARVALHO, GABRIELA COUTO,
JOÃO NETO MATOS CAMILLO,
JULIA TOSCANO, LUIZ
GUSTAVO DE PAULA E SOFIA
MENDES DAYRELL.

PRODUÇÃO EXECUTIVA /
PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA:
JÚLIA TAVARES.

ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA:
AUXÍLIOS DOS MODELOS.

EDIÇÃO / TRATAMENTO DE
IMAGEM: JÚLIA TAVARES.

CENOGRAFIA E ILUMINAÇÃO /
SET DESIGN: JÚLIA TAVARES.

LOCAÇÃO: ESTÚDIO
IMPROVISADO EM APARTAMENTO

1ª COLEÇÃO - DEPUT'A
INSTAGRAM - /@GROTEZKE

PEÇAS ÚNICAS E EXCLUSIVAS FEITAS À MÃO
PRODUÇÃO E DESIGN ASSINADO POR JÚLIA TAVARES

GROTEZKE

★ JÚLIA ALVES TAVARES

